

APESAR DE TUDO, A EXPLORAÇÃO DA PORNOGRAFIA É INOFENSIVA

O primeiro país a liberar ostensivamente a indústria pornográfica foi a Dinamarca, em meados de 1967. Imediatamente surgiram cerca de 5 mil pontos de venda de publicações e artigos pornográficos; uma rua inteira de Copenhague foi ocupada com lojas do gênero; e ainda apareceram 22 clubes de pornografia.

No início da década de 1970, outros países europeus seguiram o exemplo. Em Paris, entre março e novembro de 1970, o *sex-shops* e *sex-porno-shops* (lojas especializadas em artigos eróticos e pornográficos) multiplicaram-se de 7 para 34. Em setembro daquele ano o espírito liberalizante chegou à Alemanha, e o trupe Beat Uhse inundou o mercado — de 2 milhões de consumidores — com artigos, pomadas, pílulas, fortificantes, livros e outras "maravilhas". Na mesma época surgiu em Londres o primeiro supermercado do sexo. Na Holanda, 600 mil exemplares de semanários especializados eram vendidos por semana, e apareceram centenas de *sex-shops*.

A onda pornográfica foi tão avassaladora, que o papa Paulo VI. chegou a advertir sobre a "epidemia de imoralidade que impera no mundo". Alguns anos depois, contudo, a onda começou a refluir. Na Suécia, desde 1976 cerca de um milhão de pessoas, reunidas em 47 associações religiosas, políticas e sobretudo feministas iniciaram uma ofensiva para boicotar a indústria do sexo. Aquele país produziu, em 1978, cerca de 12 milhões de revistas pornográficas, em sua maioria para exportação. Mas os cinemas especializados já não lotavam mais, obrigando os exibidores a recorrer aos filmes



Nas livrarias, o vagalhão erótico

eróticos franceses, mais refinados, para manter a audiência.

Na França, ocorria fenômeno semelhante. Em 1977, as salas especializadas em pornografia tiveram apenas 5,7% da frequência total aos cinemas, e os produtores desse tipo de filme conseguiram manter o gênero graças ao grande número de atores desempregados, de prostitutas e donas-de-casa dispostas a reforçar o orçamento doméstico com os ganhos obtidos pela participação nos filmes.

A pornografia, uma palavra de origem grega cujo

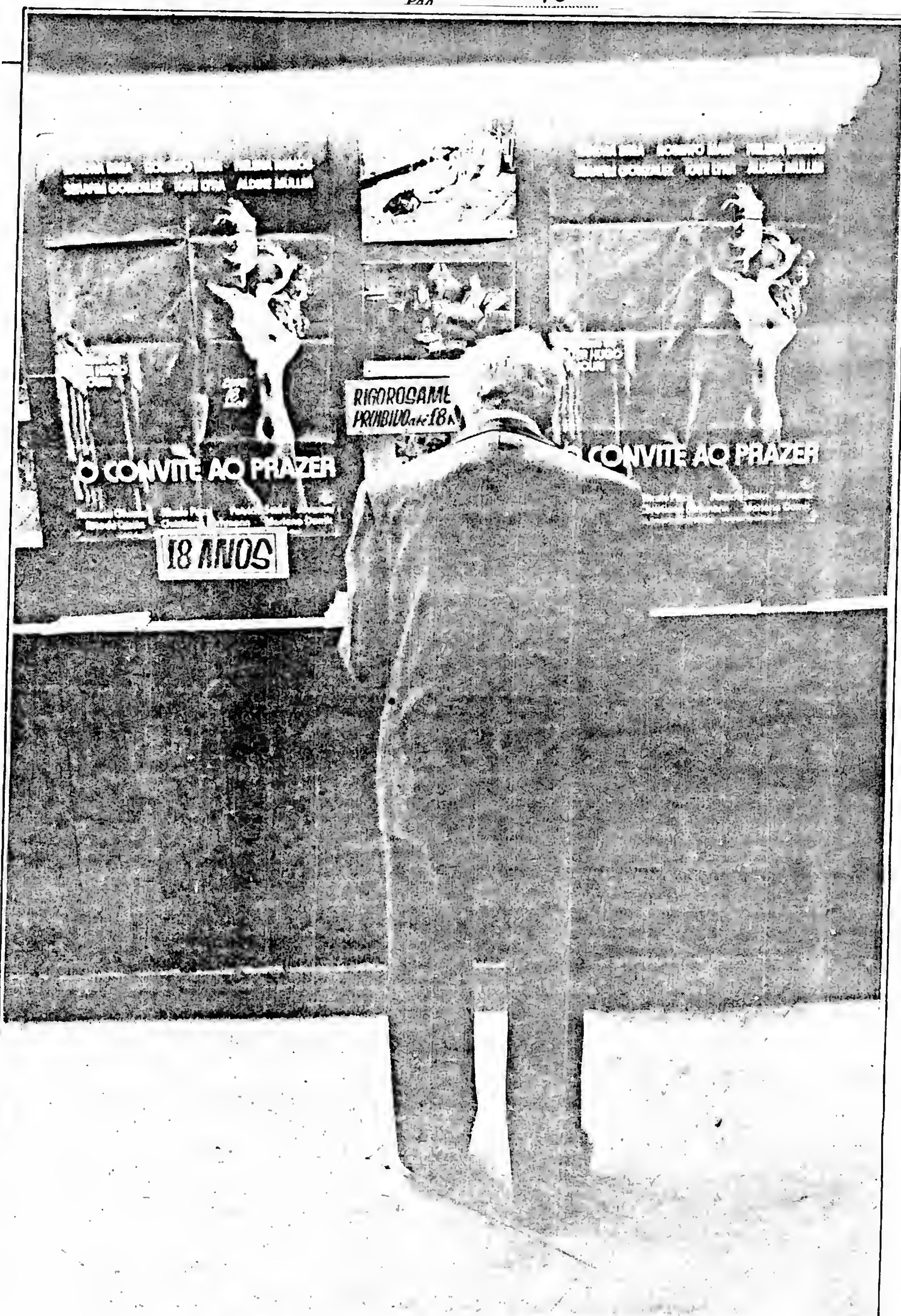


No cinema, tudo que se pode ver

sentido primitivo é era escrever sobre prostitutas, e susta os setores mais conservadores. O arqui-reacionário J. Edgar Hoover, que foi diretor do FBI, dizia que a pornografia é a principal causa de violência sexual. No Brasil, mal foram liberados os livros e filmes, e um articulista da revista *Visão*, J. O. Moreira Pena, agita o espantanto com uma "campanha a erótico-sadista sobre a moral, costumes e a estrutura da família". Para ele, essa campanha é tão ameaçadora que qualquer omissão frente a ela significa a "gravíssima falta" de cavarmos "nós mesmos o buraco onde vamos enterir nossa civilização".

Essa visão catastrófica está desmentida, entretanto, desde 1970, quando a *Federal Commission on Obscenity and Pornography* publicou seu relatório. Essa comissão, criada em 1968 pelo governo norte-americano, tinha 18 membros e numerosos pesquisadores, que desenvolveram nada menos que projetos distintos. Depois de analisar a literatura mais importante nesse campo, concluiu que "a extensa investigação empírica não revela sinais de que a exposição de materiais sexuais explícitos ou seu uso desempenhem papel significativo como causa de danos sociais ou individuais, como crime, delinquência, desvio sexual ou não sexual, ou perturbação emocional". E, talvez para surpresa de pais e educadores mais zelosos na manutenção das tradições, recomenda "educação sexual destinada a conseguir o sexo como parte normal da vida".

(J. C. R.)



PRAZERES (E NEGÓCIOS) DO SEXO

Texto de José Carlos Ruy/Fotos de Mauricio Simonetti. (Agência/F-4)

Depois de uma abstinência de quase dez anos, forçada pela censura, o sexo voltou a ser um prato cheio para as editoras de livros e revistas do país, assim como para os distribuidores de filmes e donos de consultórios sentimentais do rádio e da televisão.

É o assunto que hoje anda por todas as cabeças e pelas listas de livros mais vendidos. Obras que já haviam se tornado verdadeiros clássicos nos Estados Unidos na década passada — como *Os prazeres do sexo*, de Alex Comfort — puderam finalmente ser editados, caindo como uma enxurrada num terreno seco.

Um vagalhão de literatura erótica varre o país, trazendo poucas obras interessantes e muitas de qualidade mais do que discutível — são manuais, romances, confissões, onde os temas preferidos são do gênero "como melhorar seu desempenho" ou "como agradar sua mulher".

Allan Delan, diretor da Nova Época Editorial, acha que "o boom verificado hoje na área do sexo se deve essencialmente ao fato de terem sido reprimidos durante tantos anos, e de repente liberados". Estes livros são o carro chefe da Nova Época, que teve muitos problemas com a censura nos últimos anos. Várias de suas edições foram apreendidas, entre elas os livros de Xaviera Hollander — uma inteligente prostituta que ganhou dinheiro e notoriedade contando em detalhes suas aventuras de alcova.

"Sodomia": um sucesso editorial de baixo nível

Hoje, a editora tem oit títulos de Xaviera publicados. O mais sofisticado e mais vendido entre eles, *Xaviera ao vivo*, é dedicado à descrição minuciosa de técnicas e posições — algumas incrivelmente insólitas —, além de conselhos variados e grande fartura de ilustrações. Recém-lancado, esse livro tem um futuro de *best-seller* garantido.

Quando seu distribuidor publicou um encarte publicitário numa revista masculina, para vendas pelo reembolso postal, por Cr\$ 600, passou a receber entre 300 a 400 pedidos diários. Em apenas 30 dias 12 mil exemplares foram colocados nas livrarias. Um número respeitável considerando que qualquer edição normal de livro no Brasil, não vai além dos 5 mil exemplares.

Outro grande sucesso da Nova Época é *Sodomia*. Seu autor, segundo Delan, "é um ilustre e desconhecido psiquiatra". Seu tema é "uma forma de sexo ainda tabu", o sexo anal, e sua forma de tratá-lo é um exemplo antológico do baixo nível das publicações pseudopsicológicas que circulam por aí.

O autor, "doutor Hanz Fritz Lemer", afirma que "a mulher que é sexualmente estimulada a praticar a sodomia (...) possui uma compulsão sado-masoquista equivalente".

Ela está obcecada por uma "punição", ou por uma "degradação".

Depois de citar vários casos, o "doutor" conclui dizendo que "a sodomia é uma perversão sexual", um "desejo anormal e proibido", já que "a vagina foi feita para ser receptiva, e o ânus foi feito para expelir". Esse verdadeiro "primor psicológico", aliado à descrição de vários "casos pesquisados e documentados" custa Cr\$ 150 e vendeu 20 mil exemplares em apenas 90 dias.

O boom dos livros por-

nográficos não se restringe às livrarias. Além das chamadas revistas masculinas, que vendem em seu conjunto mais de um milhão de exemplares por mês, centenas de milhares de livros, livretos, posters, revistas de piadas e manuais "científicos" fartamente ilustrados são vendidos nas bancas de jornais. Os grandes sucessos são as revistas que trazem posições amorosas como *Um homem e uma mulher*, *45 variações de amor*, *Moderno manual do sexo* — *consiga 1001 posições*; *Eu, Juanita — meus amores e aventuras sexuais*; e a grande novidade, segundo os jornaleiros, o *Manual do sexomobilismo*, destinado aos fanáticos do automóvel. Já existem também manuais para motociclistas.

Não são apenas os homens os consumidores dessas publicações, segundo os vendedores de bancas de revistas, pelo menos no centro de São Paulo.

A desinformação brutal na área do sexo

O mercado das publicações eróticas não está circunscrito aos grandes centros. Muitos autores de cordel retomam com vigor a tradição dos "folhetos de safadeza", onde substantivos como *pau* e *cacete*, e verbos como *dar* e *meter* são usados em situações ambíguas e picarescas.

Em sua *História de João Tampinha e Maria Temperada*, o pernambuco José Severino da Costa descreve uma luta entre João Tampinha e Maria Temperada através de versos cheios de malícia e segundas intenções como estas: "João Tampinha se zangou/meteu a madeira nela/aprumou bem o cacete/dizendo vou lascar ela/porém quase perde o pau/na boca do facão dela".

A desinformação que existe na área sexual é muito grande e em grande parte responsável pelo sucesso destes livros, segundo o médico Márcio José Vieira Barbosa, pioneiro da sexologia no Brasil.

Numa sociedade machista como a brasileira, segundo Barbosa, a falta de informação é a norma. E isto inclui as primeiras experiências masculinas com prostitutas que vêem no sexo somente um negócio, interessadas em aumentar sua rentabilidade: "Não estão interessadas em curtir horas com rapazinhos".

Além disso, como profissionais cuja função é agradar seus clientes, simulam o orgasmo quando o rapaz ejacula. Criam, com isso, a ideia de que quanto mais forte a penetração vaginal e mais rápida a ejaculação, melhor para a mulher, além de fortalecer o mito de que orgasmo simultâneo é uma coisa corriqueira.

60% das mulheres simulam o orgasmo para seus maridos

A falta de informação da mulher é maior ainda, segundo Barbosa, pois, mais do que o homem, é educada debaixo do conceito de que sexo é uma coisa proibida e para ser usada somente após o casamento. "Sexo" — diz Barbosa — "não é só instinto, mas também aprendizado, experiência, vivência. E não se pode esperar que uma jovem inexperiente e reprimida tenha bom desempenho no casamento — principalmente porque sua iniciação é atribuída a um rapaz que na maioria das vezes também não sabe nada.

Se não houver uma grande abertura e muito diálogo, esse casal cedo enfrentará o problema de adaptação sexual. Acredito que pelo menos 60% das mulheres, da classe média para baixo, simulam o orgasmo para seus maridos, procurando manter a situação conjugal".

A falta de diálogo entre os pares também obriga muitos arceiros a procurar respostas para suas dúvidas em livros e revistas, que muitas vezes mais atrapalham do que ajudam. "A falta de diálogo entre os casais é a regra nestes dias" — conclui Barbosa, baseando-se em 18 anos de experiência na área.

Um exemplo disto pode ser encontrado numa pesquisa realizada em 1967 pela revista

Realidade. Aquela edição, dedicada inteiramente à mulher, foi apreendida, mas os resultados da pesquisa, realizada nas capitais e cidades do interior de cinco estados, são conhecidas e reveladoras. Um exemplo: das 1.200 mulheres ouvidas, 25% manifestaram vergonha de falar sobre sexo. Entre as analfabetas este percentual subia para 50%.

Outro exemplo esclarecedor: 25% delas afirmaram que o seu papel nas relações sexuais era somente o de satisfazer o marido. Entre as casadas esse percentual foi maior: 31%.

Outra pesquisa, mais atual, porém menos abrangente, foi feita em 1978 pela revista *Manchete* que ouviu duas mil pessoas, de ambos os sexos, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Entre os entrevistados, 92,3% concordaram que houve mudanças nos padrões de comportamento do brasileiro; 77% consideraram tais mudanças "evolutivas" e 23% as tacharam de "involutivas". Exemplo da mudança: 56% reconheceram a experiência sexual antes do casamento como "base para a felicidade do casal".

Algumas tentativas têm sido feitas no sentido de popularizar

a informação sobre sexo. Uma delas é a da psicóloga Marta Suplicy, que tem um quadro no programa "TV Mulher", da Rede Globo. Ali, três vezes por semana, às 9h30, ela tem dez minutos para "ajudar as pessoas a não cometer erros com a própria sexualidade e com a dos filhos, especialmente".

Edusex: o serviço telefônico de educação sexual

Outra tentativa, dirigida por Maria Helena Matarazzo, é o Edusex, um serviço telefônico de informações sexuais (telefone 881-8777) mantido em São Paulo pela Associação Brasileira de Educação Sexual.

Inaugurado em novembro do ano passado, atende uma média de 50 telefonemas diários, muitos dos quais interurbanos de outras capitais brasileiras. A maioria dos consultantes é solteira; e não há diferença entre o número de homens e mulheres.

A lista das principais dúvidas mostra o grau de confusão que existe a respeito do assunto: consumo de anticoncepcionais, gravidez, relações sexuais, disfunção orgásmica, masturbação, anatomia e fisiologia, virgindade, beijo, problemas de ordem médica, coito anal, menstruação e impotência.

Maria Helena explica que

não se trata de desconhecimento total do assunto, mas, na maioria dos casos, de informações truncadas, que geram angústias e mitos muito grandes. Algumas perguntas que foram feitas pelo serviço telefônico: usando *jeans*, uma menina que troca carícias com seu namorado corre o risco de engravidar? É verdade que quando a moca está menstruada ela não pode tomar refrigerantes ou comer alimentos ácidos? Beijo na boca engravida? Beijo tira a virgindade? Mulher que trabalha o dia inteiro sentada pode engravidar?

A onda erótica que hoje domina os meios de comunicação de massa significa que problemas básicos como a ignorância a respeito das funções sexuais será superada?

É difícil responder positivamente, considerando que o número de obras que poderiam realmente ajudar as pessoas a resolverem os seus problemas é ínfimo. A grande maioria delas unicamente reforça a falta de informação além de difundir mentiras ou meias verdades como legítimo saber "científico".

No geral, estes livros e revistas contribuem para degradar a mulher, transformando-a em instrumento dócil da vontade de seu parceiro. E assim, longe de questionar a dominação masculina, estas obras simplesmente a reafirmam.

Outra questão é a do aces-

so a essas obras. Os livros "populares" mais baratos, são os mais conservadores, grosseiros, degradantes. Esses livros e revistas podem ser encontrados em qualquer banca de jornal.

Uma "revolução sexual" apenas aparente

Os livros mais sérios têm preços que giram em torno de Cr\$ 500 e são encontrados apenas em livrarias.

Finalmente, o acesso a esses livros é tranquilo apenas para pessoas que já têm um certo grau de abertura e informação, uma vez que a grande maioria, por sua formação e pelos preconceitos seculares que carrega, simplesmente descarta a utilização prática dessa literatura com seu parceiro.

A "revolução sexual" via editoras, portanto, é mais aparente que real.

Mais do que uma "revolução", o que houve foi a apropriação, pelos grandes grupos capitalistas, da indústria erótica, via produção em larga escala e melhor acabada de revistas e livros sobre o assunto.

Com a vantagem suplementar de, sob a aparência de uma autêntica liberação dos costumes, exercer de forma sutil o controle da conduta humana através dos meios de comunicação de massa.



Bons livros
no meio desta
grande barafunda
de contra-informação
tabus e velhas teorias

A PRÁTICA — AINDA NÃO É TUDO

Roldão Oliveira

Qualquer pessoa — particularmente o bom machista — não titubeia ao afirmar que a melhor forma de aprender sobre sexo é através da prática.

É uma afirmativa correta e até revela certa desinibição ou conhecimento mais ou menos profundo do assunto. Mas não é completa e pode também revelar receios de reconhecer e admitir falhas no próprio comportamento.

Numa sociedade onde o sexo está normalmente associado a mitos e preconceitos nos mais variados níveis, onde o sexo não é ensinado nas escolas ou no recato dos lares e onde as pesquisas científicas sobre o assunto ainda são recentes, a exclusividade da prática também pode ser deseducadora.

Não se pode ignorar que — desde a ascensão do cristianismo, principalmente — tem-se quase sempre relacionado a função sexual a um sentimento de vergonha e pecado. E que ainda há mães ensinando às filhas noivas o seguinte: demonstrar excitação na noite de núpcias poderá causar má impressão ao marido, ou interesse excessivo pelo assunto. E ainda há mulheres — baseando-se numa sociedade patriarcal — que acham obrigatório a mulher fioar por baixo numa relação sexual.

A ausência de ensinamentos científicos e discussões saudáveis sobre o assunto, ainda faz com que a masturbação esteja quase sempre associada a um sentimento de culpa, admitindo-se no máximo que seja normal na in-

fância e na adolescência, mas um comportamento imaturo no caso de adultos. Ainda há gente vivendo sob a influência dos códigos penitenciais elaborados na Idade Média, que chegavam a dedicar dezenas de parágrafos para a questão da masturbação entre os camponeses (todos condenatórios, é claro!).

No filme "Chuvvas de Verão", de Cacá Diegues, uma cena de relação sexual entre um casal de velhos provoca gargalhadas entre os espectadores. Diante daquela cena — de grande beleza e suavidade — tais gargalhadas só podem ser explicadas a partir do conceito vigente entre a grande maioria dos jovens — e mesmo pessoas mais velhas — de que ninguém faz amor com mais de 50 anos e que seria até obsceno — ou engraçado — se alguém o fizesse.

Diante disto e muitos outros exemplos que poderiam ser citados, é inegável que — mesmo reconhecendo-se a primazia da prática — se pode reforçá-la ou torná-la mais segura recorrendo à ajuda de livros. Assim como se pode descobrir, através de saudáveis conversações sobre o assunto, que a única generalização que se pode fazer é que nenhum padrão sexual serve para todo mundo.

Portanto, ler ou conversar sobre sexo não é pecado. Pelo contrário. Daí ser em grande parte positivo o "boom" da literatura sexual que existe hoje, no sentido de contribuir para a desmistificação do assunto.

O problema é que muitos destes

(DEC. INCOMPLETO)

CONFERÊNCIAS FEMINISTAS

As prostitutas discutem em Copenhague

Confusão e numerosos incidentes políticos caracterizaram os trabalhos das duas conferências femininas mundiais, a oficial, patrocinada pela ONU, e a não oficial, dita "paralela", ambas realizadas na capital dinamarquesa.

A presença na tribuna da senhora Ieng Sirith, delegada do Campuchea Democrático (regime cambojano de Pol Pot), provocou a saída da sala das delegações do Leste Europeu, do Afeganistão, do Congo e de Angola. Depois, pela segunda vez em 48 horas, as delegações dos países árabes, exceto o Egito, as da Europa Oriental e de numerosos países não alinhados deixaram a sala de reuniões, seguindo a delegação da OLP, quando a delegada de Israel tomou a palavra na conferência da ONU. Quase no mesmo instante, a 10 quilômetros, uma delegada israelense, que subiu à tribuna da "Conferência paralela", para incitar a assistência a não levar a sério as pessoas que tumultuam o ambiente (alusão à delegação palestina), teve que bater em retirada sob as vaias da assistência.

Copenhague — Margo St James, soberba, a fundadora de "Coyote", que inventou o primeiro movimento de prostitutas, a partir

da costa oeste dos Estados Unidos; uma negra americana, Wilmette Drown, do Coletivo de Prostitutas de Nova York; uma prostituta sueca; uma inglesa; uma italiana; enfim delegadas a esta Conferência que têm alguma coisa para dizer. No momento, elas estão furiosas contra a imprensa dinamarquesa que publicou manchetes sensacionalistas com base no debate da Conferência paralela sobre "escravas brancas".

Depois de ter escutado a exposição da socióloga Kathleen Barry, autora do livro "Female Sexual Slavery" (Escravidão Sexual Feminina), eu não entro mais sem angústia em qualquer bar do porto de Copenhague: "no mercado de escravos de Zanzibar, ela conta, a maior parte das moças são europeias, vestidas de shorts ou roupas de noite, com o traje que usavam no momento de sua captura. Moças de férias; 85% delas são compradas pelos haréns do Oriente Médio". Pesquisadora científica, ela investigou as redes do Sudeste da Ásia, a placa giratória do Senegal ou da Costa do Marfim, o preço de uma tailandesa no mercado de Frankfurt, o "oleoduto" de Minnesota que alimenta Times Square em Nova York...

Com Patrick Montgomery, da sociedade antiescravista de Londres, ela procura fazer pressão sobre a Conferência oficial da ONU para que seja formada uma comissão de pesquisa sobre a escravidão e a aplicação da Convenção de 1956.

Por que as prostitutas estão furiosas então? Porque, elas dizem, a questão das "escravas brancas" é uma causa fácil, um biombo que esconde os milhões de prostitutas "voluntárias".

"Prostituir-se é uma decisão, precisa Margo St James, mas nunca uma escolha verdadeira. A diferença é mínima. Não se devia jamais falar de prostituição sem lembrar o marido, a mulher, a estrutura familiar. Sabemos bem que 80% dos homens estiveram, pelo menos uma vez, com uma prostituta".

As prostitutas americanas lutam pela abolição de todas as leis sobre a prostituição. Elas se manifestaram, no dia 11 de agosto, durante a convenção do Partido Democrata em Nova York. "Naquela semana, disse Margot St James, nós dobramos nossos preços, para que os congressistas compreendessem que a inflação ataca abaixo da cintura". (Annette Levy-Willard — Libération)

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*Data: *05/08/80*Pág. *11*

Pasta n.º

N.º do recorte

Inauguradas *duas creches* *inacabadas*

Inauguradas sábado, apesar de ainda não totalmente concluídas, as duas creches entregues pela Prefeitura aos favelados, uma no Jardim Robru (São Miguel Paulista) e outra no Jardim Eliane (Itaquera-Guaianases) receberam, ontem obras e retoques finais para poder entrar em atividade.

A creche do Jardim Robru só começará a funcionar quinta-feira, mas a do Jardim Eliane entrou em operação ontem mesmo, apesar de precariamente, e já recebeu cerca de 25 crianças, em período integral, das 7 às 18 horas.

ÁREA CONSTRUIDA

Ambas as creches têm 160 metros quadrados de área construída e dispõem de três salas, dois banheiros, cozinha, lavanderia, despensa e galpão para recreação. Elas deverão ter ainda 12 pajens, que trabalharão em rodízio, mais uma atendente de enfermagem.

As crianças, segundo uma das funcionárias da creche do Jardim Robru, receberão, além do café da manhã, sucos e almoço. Depois, terão um período de descanso e recreação, seguido de atividades pedagógicas. No final da tarde, tomarão sopa e banho.

PIOLHOS

A creche do Jardim Eliane, instalada ao lado da favela do mesmo nome, recebeu ontem 8 recém-nascidos e 17 meninos e meninas, com idades de um a três anos. Mas, já no primeiro dia, as pajens e assistentes sociais tiveram que enfrentar um problema inesperado: é que a maior parte das crianças estavam com piolhos e elas tiveram que, além de dar-lhes banho, cortar o cabelo de pelo menos oito crianças, deixando-as carecas. A preocupação delas agora é com a reação das mães dessas crianças.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *O Est. São Paulo*Data: *06/08/80*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Creche fica sem móveis

No final de dezembro do ano passado, Sylvia Lutfalla Maluf, em clima de festa, inaugurou a creche da Instituição Alan Kardec-Alice Pereira, no Jardim Presidente Dutra, em Guarulhos. No dia seguinte, um caminhão retirou todos os móveis colocados na véspera para a inauguração. Hoje, sete meses depois, a creche não passa de uma grande sala com alguns banquinhos onde 400 crianças carentes, fazem recreação após receberem alimentação.

No local, preocupadas com algum tipo de represália as pessoas que dirigem preferem silenciar. Para elas, não houve nada disso; a inauguração foi realizada, nenhum móvel foi retirado e a situação deverá ser acertada brevemente por um vago "contrato que será assinado".

De sua parte, o Fundo de Assistência Social do Palácio dos Bandeirantes confirma a história da inauguração. Ana Maria Braga, assessora de Sylvia Lutfalla Maluf, explica: "A creche Alan Kardec está incluída no programa da Legião

Brasileira de Assistência, que tem de dar verba para a alimentação das crianças, enquanto o Fundo cuidaria dos equipamentos. No dia da inauguração, foi a LBA quem levou os móveis e depois os retirou. Quanto à nossa parte, até agora os diretores da Alan Kardec não compareceram para receber os equipamentos."

Ontem, apesar das tentativas para não tocar no assunto, uma pessoa ligada à entidade admitiu que a instituição ainda não está recebendo as verbas da LBA, e que a creche está funcionando, "mas não nas bases ideais". Falta ainda parte tão importante quanto as verbas: a mobília.

No final da tarde, Harry Adler, vice-presidente da instituição, deixou claro que a informação do Fundo de Assistência Social não era correta. "Em relação ao mobiliário da creche, nós, continuamente, estamos tentando e temos várias solicitações em andamento." Um dia, uma delas sai. Essas coisas são demoradas mesmo", disse ele, resignado.

Ao longo de vários anos de contato com a entidade assistencial, Harry Adler aprendeu que "a vontade de ajudar é maior do que as verbas", e também que "em tese, não podemos nos queixar". São frases de quem está acostumado a tratar com órgãos públicos prestadores de auxílios, dos quais aprendeu que uma obra assistencial não pode viver da ajuda oficial, "pois senão fecha".

INAUGURAÇÃO

Os habitantes da região, em sua maioria pessoas pobres, ainda se lembram da inauguração. De início, os moradores imaginaram se tratar de algo relacionado com a construção do novo aeroporto metropolitano de São Paulo, mas logo perceberam que o movimento era para a festa da creche. A presença de tanta gente era explicada pelo fato de, naquele dia, a primeira dama estar assinando não um, mas vários contratos com entidades assistenciais e a Alan Kardec serviu para "centralizar" a cerimônia num único ato.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *C. Est. SP AUL*
Data: *07/08/80*
Pág. *---*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

A LBA confirma a omissão do governo

EST. SP 7/8/80

A presidente da Legião Brasileira de Assistência, Lea Leal, confirmou ontem, em nota oficial, que o Fundo de Assistência Social do Palácio dos Bandeirantes não cumpriu o compromisso de fornecer o equipamento necessário ao funcionamento da Creche Alan Kardec, de Guarulhos, que foi inaugurada no final do ano passado com móveis emprestados pela ex-diretora da LBA em São Paulo. Até hoje a creche, que teve os móveis retirados no dia seguinte ao da inauguração, espera o equipamento prometido pela responsável pelo Fundo de Assistência Social, Sylvia Lutfalla Maluf.

Na mesma nota oficial, Lea Leal afirma que a assessora de Syl-

via Maluf, responsável pelas informações sobre o assunto, está "evidentemente mal informada sobre este caso específico" e justifica o atraso na liberação de verbas de sua responsabilidade: "Não foi feito o pagamento porque a Instituição Alan Kardec - Alice Pereira não providenciou o certificado de regularidade social para o Ministério da Previdência e Assistência Social. Tão logo isto aconteça, a verba será imediatamente liberada. Assim, não cabe à LBA nenhuma responsabilidade no caso, conforme declaração da assessora de imprensa da sra. Sylvia Maluf, evidentemente mal informada sobre este caso específico".

Violência

Atentado ^{creche} contra uma creche

Como faz todos os dias, a faxineira Irene Oliveira Guimarães abriu ontem, "um pouco antes das 7 horas", as portas da Creche Unibes, mantida pela União Brasileira-Israelita do Bem-Estar Social, na rua Jorge Velho, Bom Retiro, aguardando a chegada das mães trazendo 130 crianças que ficam aos cuidados da Unibes, enquanto elas trabalham. No topo da escada, uma surpresa aguardava Irene: no chão, no meio de inúmeras bolinhas de plástico colorido e cacos dos lustres, estavam espalhados brinquedos, documentos e papéis. Os vasos derrubados e as plantas arrancadas.

No corredor, o primeiro susto. A cabeça de uma boneca, arrancada. Em seguida, foi para as salas de recreação. Na primeira, sob o cartaz de cartolina pregado na parede, onde se lia "nós gostamos de limpeza", uma grande confusão: os filtros estavam todos furados a marteladas e a água se espalhara pelo chão, encharcando papéis, bonecos de pano e colchões. Num canto, pisoteadas, as galolas dos três periquitos que as crianças culdavam. Mais tarde Irene ainda encontraria, dentro de uma caixa, as penas azuis arrancadas dos pássaros.

Na sala seguinte, a faxineira aterrorizou-se: uma boneca do tamanho de uma menina de três anos, jogada sobre uma mesa, ao lado da inscrição "morte às crianças". No quadro negro, duas cruzes suásticas e, em caligrafia perfeita, erros propositais de português: "da próxima vez deiche dinheiro nas gavetas. obrigado".

A televisão a cores estava atravessada por um cabo de vassoura e o vídeo envolvido por fita adesiva. Nas paredes, lia-se, além de vários palavrões: "sangue", "nazismo" e "morte aos judeus". No chão, espalhados e quebrados materiais pedagógicos, brinquedos, giz e lápis de cera.

Nos escritórios, as máquinas de escrever arrebitadas a marteladas e as fichas dos



A tesoura no olho da boneca

alunos arrancadas dos fichários de aço e rasgadas ou atiradas no chão. Nem o relógio de ponto escapou dos vândalos.

No berçário, um forte cheiro de remédio, cujos vidros foram quebrados. Os berços depredados e no olho de uma boneca de feltro pendurada na parede estava enterrada uma tesoura.

Os funcionários da creche evitavam dar conotações políticas ao atentado, embora o administrador da creche, Sérgio Santos Pena, acredite que "os atos de vandalismo aqui registrados demons-

tram que não foram praticados por pessoas interessadas em roubar, mas em destruir". Ele revelou ainda que o atentado deve ter ocorrido sábado à tarde, quando os vizinhos viram dois rapazes — um usando terno e outro roupa esporte — deixando a creche mais ou menos às 18 horas.

O administrador Sérgio Santos disse que por causa desse incidente muitas mães foram obrigadas a faltar ao serviço, pois não tinham onde deixar os filhos.

O rabino Henry Sobel, ao ver as cenas, disse que estava "revoltado e chocado", acrescentando que "como brasileiro e judeu, tal ato de vandalismo nos preocupa e entristece, já que as suásticas nas paredes de uma creche, seja judaica ou não, é uma ameaça aos valores que nos são mais caros". Sobel afirmou ainda que acredita que o atentado faça parte de um movimento neonazista, que recentemente realizou ação idêntica contra uma escola judaica em Buenos Aires, onde chegaram, inclusive, a explodir um ônibus de escolares vazio.

O secretário Octávio Gonzaga, da Segurança Pública, classificou o ato de "selvagem" e afirmou que "não foi realizado nem por terroristas de esquerda e nem de direita". O delegado Sílvio Perelra Machado, da Divisão de Ordem Política do Dops, comanda as investigações para descobrir os autores do atentado.

Creche judaica invadida e depredada em São Paulo

SÃO PAULO (O GLOBO) — Dois desconhecidos invadiram a creche da União Israel-Brasil de Bem-Estar Social (Unibes) no início da noite de sábado, depredando as instalações e escrevendo palavras como "nazismo", "rock", "maconha", "tocaína", juntamente com ofensas à polícia e palavrões. Além disso, foram desenhadas duas cruzes suásticas na parede de uma sala de recreação.

Vários brinquedos das 130 crianças que ficam na creche durante a semana — a entidade não funciona sábados e domingos — foram destruídos. Uma boneca, com a palavra "morte" escrita em seu peito, foi colocada em cima de uma mesa, que continha a inscrição "morte às crianças".

VANDALISMO

No berçário, outra boneca teve uma tesoura enfiada em seu olho esquerdo. No local, vários vidros de remédios foram quebrados, e inúmeros ovos foram jogados contra fotografias de crianças que estavam nas paredes. Um piano e uma máquina de escrever foram destruídos.

Dois periquitos que ficavam na creche foram mortos. As gaiolas em que permaneciam foram destruídas com brutalidade, e as penas dos pássaros arrancadas.

A direção da creche e da Unibes souberam do fato apenas na manhã de ontem, quando duas faxineiras chegaram ao local e viram o estado em que ficou o prédio. Apenas a sala da diretoria, a despensa e um depósito — trancados à chave ao contrário das outras salas — não foram invadidas pelos agressores.

— Não há uma explicação plausível para isso. Não posso pensar em atentado de direita ou de esquerda, não sei quem teria coragem de fazer uma coisa dessas — disse a presidente da Unibes, Petronia Peterman.

Ela destacou o fato da creche ter sido fundada em 1939, e de nunca ter recebido ameaça ou ter sofrido qualquer atentado.

A diretora da creche, Rosa Maria Christoforte, porém, disse que há um mês apareceram três orifícios na janela de um dos banheiros, que a princípio foram considerados provenientes de pedradas. Policiais do Dops e do 2º Distrito Policial, que compareceram ao local, disseram na época que eles foram causados por disparos — e de "dentro para fora do prédio".

DUAS PESSOAS, A PISTA

Sérgio dos Santos Pena, diretor administrativo da Unibes, revoltado enquanto

inspecionava os danos feitos na noite de sábado, ainda não tem um cálculo dos prejuízos. Descartou, no entanto, qualquer possibilidade de tentativa de roubo:

— Eles não teriam quebrado a televisão. A única conexão que posso fazer é com o fato de sermos uma entidade judaica.

Apesar das várias investigações que foram feitas ontem no local, não foi possível determinar por onde entraram os vândalos. Há duas pistas: o relógio de ponto da entidade, também destruído, está registrando 18h59m, nos cartões, e já os ponteiros do relógio marcam 5h40m. De acordo com os policiais, isso foi uma tentativa de confundir o horário do atentado.

A outra pista é o testemunho de Mauricio José Pena, 11 anos, que mora na casa ao lado da creche. Ele disse que viu, por volta de 18h30m de sábado, duas pessoas debaixo da escada do prédio:

— Era um moreno alto e um branco baixo, que levavam bonés vermelhos. Eles fizeram muito barulho lá dentro, fiquei com medo, e chamei meu pai. Mas na hora em que ele chegou, os dois já haviam pulado o portão e ido embora — disse Mauricio.

Na creche não trabalha nenhum guarda, e de acordo com sua diretora, deverá ser instalado um esquema de segurança no local. Para voltar a funcionar, o prazo mínimo previsto é de uma semana.

CEREBRO DOENTIO

— Isso é coisa de cérebro doentio. Esta casa é a que melhor representa a integração Israel-Brasil, e esse atentado também atinge aos brasileiros — afirmou ontem o rabino Henry Sobel, ao visitar as instalações depredadas.

A existência da suástica nas paredes de uma creche, judaica ou não, representa uma ameaça aos valores que nos são mais caros — acrescentou.

A divisão de Ordem Política do Dops está investigando o caso, e por enquanto, não tem nenhuma conclusão sobre o atentado.

O secretário da Segurança Pública, desembargador Otávio Gonzaga Júnior, encarou o atentado como "uma verdadeira brutalidade, uma coisa injustificável e até sem sentido". Ele afirmou que a polícia vai tomar providências a fim de apurar as responsabilidades.

Otávio Gonzaga Júnior não acredita que o atentado ocorrido sábado tenha conexão com os atos terroristas que vem sendo praticados em São Paulo, mas ressaltou que há necessidade de investigações "para se dizer algo positivo".

Deops investiga atentado contra creche israelita

Uma tesoura espetada nos olhos de uma boneca de pano e a cruz suástica desenhada com giz vermelho em uma parede branca são marcas deixadas em uma creche da coletividade israelita, que foi totalmente depredada na tarde de sábado, na rua Jorge Velho, 96, no Bom Retiro, em atentado de características tipicamente nazistas. O Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) investiga a ocorrência, mas, até a noite de ontem, nada havia descoberto.

Os autores do atentado danificaram quase tudo, mas nada roubaram.

A creche, que existe há 42 anos e mantém 130 crianças, é uma das unidades da União Israelita Brasileira do Bem Estar Social (Unibes), mantida pela coletividade israelita.

Das 130 crianças atendidas apenas 23 são judias. Estas crianças, de um a sete anos de idade, vivem na creche de segunda a sexta-feira, passando os fins de semana com seus pais. São crianças de famílias pobres.

A creche foi bastante danificada. Mesas e cadeiras quebradas, espelhos partidos, material escolar espalhado pelo chão, brinquedos quebrados, filtros de água partidos — foi assim que o Deops encontrou a creche, ontem, às nove horas da manhã, quando foi chamado para iniciar as investigações.

Em uma destas salas de aula, uma boneca, de roupa arrancada, estava em cima de uma mesa. Na testa, um risco vermelho, simbolizando ferimento. No peito, também em vermelho, uma palavra: "Morte". Na mesa, ao lado da boneca, estava escrito: "Morte às crianças".

Em outra sala de aula, a cruz suástica duas vezes desenhada, com giz vermelho, em uma parede branca. No quadro negro, escritas com giz branco, estas palavras: "Nazismo, Maconha, Morte, Kid Trágica." A letra era boa. Havia, também alguns palavrões.

DOIS SUSPEITOS

Um vizinho da creche viu quando dois homens, um de terno e outro com roupa esporte, ambos bem vestidos, saltavam um muro, fugindo. Eram seis horas da tarde e o vizinho só viu isso. O Deops calculou que eles permaneceram, pelo menos, quatro horas dentro da creche, para fazer o que fizeram.

Ontem, às sete horas da manhã, a destruição foi descoberta por uma das 22 funcionárias da creche, Irene Oliveira Guimarães, responsável pela lavanderia, onde a máquina de lavar roupas estava toda amassada. Logo depois chegou Rosa Cristofolini, a diretora da creche, que chamou o 2.º Distrito Policial. O caso, porém, logo passou para o Deops.

O rabino Henry Sobel apareceu depois. "É uma ameaça a todo o povo brasileiro" — disse, preocupado, enquanto percorria as salas de aulas da creche destruída.

Veio, também, Petronia Teperman, presidente da Unibes. Calculou o prejuízo: mais de dois milhões de cruzeiros. Calculou, também, o tempo para a creche voltar a funcionar: duas semanas.

O atentado preocupou a coletividade israelita e Jaime Pasmanik, presidente da Federação Israelita do Brasil, visitou a creche.

Sérgio dos Santos Pena, diretor administrativo, informou ao Deops que a entidade não tinha inimigos e que, em 43 anos, a creche sempre cumpriu, rigorosamente, os seus compromissos trabalhistas. O Deops afastou, então, a hipótese de vingança de alguém que tenha sido demitido da creche.

A hipótese de roubo também foi imediatamente posta de lado pelo Deops, apesar de que uma frase, escrita no quadro negro de uma das salas de aula, falava em dinheiro. Esta frase, escrita com letra boa, tinha dois erros gramaticais. O Deops, porém, acha que, tanto a frase como os erros gramaticais foram feitos de propósito, para confundir as investigações.

O Deops concluiu que os autores do atentado devem ser inteligentes e de, pelo menos, razoável nível cultural. Agiram calmamente e só devem ter parado a destruição quando se cansaram.

A creche da Unibes não funciona aos sábados e aos domingos. Fica vazia e não tem vigia. Há dois meses entraram na creche em um fim de semana. Deram três tiros de pistola automática em um vidro, segundo concluiu o Deops, ontem, ao examinar os orifícios.

Atentado à creche (3)

revolta comunidade

TERROURISMO - BRASIL JUDÉUS - BRASIL

EST. SP. 12/8/80

As instalações da Creche Unibes, mantida pela União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social, foram totalmente depredadas e suas paredes pichadas com suásticas e frases ameaçadoras. A polícia ainda não identificou os autores, mas o rabino Henry Y. Sobel acredita que "o atentado tenha sido praticado por pessoas que pertençam a um movimento neonazista que está agindo na América do Sul".

Como faz todos os dias, a faxineira Irene Oliveira Guimarães abriu ontem, "um pouco antes das 7 horas", as portas da creche, na rua Jorge Velho, Bom Retiro, aguardando a chegada das mães trazendo 130 crianças que ficam aos cuidados da Unibes, enquanto trabalham. Ao subir as escadas internas, Irene ficou surpresa: pelo chão, em meio às inúmeras bolinhas de plástico colorido e cacos de lustres, estavam espalhados brinquedos, documentos e papéis. Os vasos foram derrubados e as plantas arrancadas.

No corredor, o primeiro susto. A cabeça de uma boneca havia sido arrancada. Na primeira sala de recreação, sob o cartaz de cartolina pregado na parede, onde se lia "Nós gostamos de limpeza", uma grande confusão: os filtros estavam todos furados a marteladas e a água se espalhara pelo chão, misturando-se a papéis, bonecos de pano e colchões. Num canto, pisoteadas, estavam as gaiolas dos três periquitos que as crianças cuidavam. Mais tarde, Irene ainda encontraria, dentro de uma caixa, as penas azuis arrancadas dos pássaros.

Na sala seguinte, a faxineira quase desmaiou. Uma boneca do tamanho de uma menina de três anos estava jogada sobre uma mesa, ao lado da inscrição "morte às crianças". No quadro negro, duas cruzes suásticas — o símbolo do nazismo — e uma observação escrita com caligrafia perfeita, embora apresentasse erros propositais de português: "da próxima vez deiche dinheiro nas gavetas. Obrigado".

A televisão a cores estava atravessada por um cabo de vassoura e o vídeo envolvido por fita adesiva, enquanto nas paredes se podia ler, além de vários palavrões: "sangue", "nazismo" e "morte aos judeus". No chão, estavam espalhados e

quebrados materiais pedagógicos, brinquedos, giz e lápis de cera. Nos escritórios, as máquinas de escrever foram arrebatadas a marteladas e as fichas dos alunos arrancadas dos fichários de aço e atiradas ou rasgadas pelo chão. Nem o relógio de ponto escapou à ação dos terroristas.

No berçário, havia um forte cheiro de remédio, cujos vidros foram quebrados pelos invasores. Os berços foram depredados e no olho de uma boneca de feltro dependurada na parede estava enterrada uma tesoura.

Os funcionários da creche evitavam dar uma conotação política ao atentado, embora o administrador da creche, Sérgio Santos Pena, acredite que "os atos de vandalismo aqui realizados demonstram que não foram praticados por pessoas interessadas em roubar, mas em destruir". Ele revelou ainda que o atentado deve ter ocorrido na tarde de sábado, já que os vizinhos viram dois rapazes — um usando terno e outro roupa esporte — deixando a creche por volta das 18 horas, após ouvirem "muito barulho no interior da escola".

O rabino Henry Sobel disse que estava "revoltado e chocado", acrescentando que "como brasileiro e judeu, tal ato de vandalismo nos preocupa e entristece, já que as suásticas nas paredes de uma creche, seja judaica ou não, é uma ameaça aos valores que nos são mais caros".

O secretário Octávio Gonzaga Júnior, da Segurança Pública, classificou o ato de "selvagem" acreditando que, a princípio, "não foi realizado nem por terroristas de esquerda e nem de direita". O secretário determinou a apuração rigorosa, estando o delegado Sílvio Pereira Machado, da Divisão de Ordem Política do Dops, realizando investigações para descobrir os autores do atentado.

BOMBA

Em Salvador, uma bomba explodiu na tarde de domingo no Instituto Social da Bahia, um colégio da classe média alta da cidade, ferindo gravemente uma estudante — Rosane Mendes. A explosão ocorreu durante uma gincana entre alunos da escola e danificou principalmente o ponto de venda de fichas para a cantina local.

② O mistério do ataque à creche

TERRORISMO-BRASIL

Percival de Souza

J. Tonde 13/8/80

Seriam dois "elementos" os autores do atentado à Creche Unibes — União Brasileira-Israelita do Bem-Estar Social, no Bom Retiro. O secretário da Segurança Pública, desembargador Octávio Gonzaga Júnior, não poupa adjetivos para classificar o atentado: "Foi um verdadeiro vandalismo, quebraram máquinas, degolaram bonecas..."

No Deops, procura-se decifrar o enigma. O diretor Romeu Tuma determinou à Divisão de Ordem Social, e não à Divisão de Ordem Política, a investigação do caso. "Um mistério, por enquanto", comenta o delegado Tuma.

Um mistério porque na creche ficaram escritas frases desconexas, erros propositais de português, ofensas (palavrões) à Polícia. Os autores do atentado jogaram terra nas máquinas de lavar roupas, destruíram calhas a golpe de facas e martelos, destruíram as gaiolas dos pássaros — dos quais foram encontradas só algumas penas.

O delegado Romeu Tuma, diretor do Deops, determinou a realização de várias perícias, inclusive de digitais. Uma testemunha, que o diretor do Deops pede para que não se revele quem é, informou que viu duas pessoas saindo da creche.

Em seu gabinete, o secretário da Segurança, depois de receber curtos relatórios e ouvir sussurros dos homens responsáveis pelas investigações no Deops, comenta: "Foi uma coisa estúpida, vandálica, brutal". Quem teria sido? — pergunta alguém. "Se eu soubesse, mandava

prender agora", apressa-se em responder o secretário.

Gonzaga Júnior, baseado nas informações do Deops, afirma que tudo a respeito são hipóteses. E uma delas, diz, é a de que não tenha sido um ato terrorista: "Pode ter sido vingança de alguém; afinal, existem na creche apenas vinte crianças filhas de judeus". Mas, faz questão de explicar o secretário, "tudo são hipóteses".

— É a mesma dificuldade que temos com os atentados às bancas de jornais. Nada temos, ainda.

No Deops, um agente que esteve no local e examinou de perto os estragos comentou: "Isso é obra de um paranóico, não é possível outra definição".

PROTEÇÃO

Na Secretaria da Segurança Pública, ontem à tarde, o assunto predominante foram os atos de terrorismo. Gonzaga Júnior recebeu a visita de um advogado e um diretor do Sindicato dos Distribuidores de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo — José Antônio da Silva e Antônio Rodrigues.

Os dois queriam proteção para as bancas e, também, reclamar das apreensões de revistas consideradas pornográficas no centro da cidade. As explicações do secretário da Segurança:

1-) como existem mais de 8 mil bancas de jornais em São Paulo, segundo o próprio Sindicato, "não existem condições de colocar um soldado em cada banca". Por isso, ele determinou ao comandante do poli-

ciamento da Capital, coronel PM Nelson Tranches, e também ao Deops, que sejam intensificadas rondas em torno das bancas de jornais. Ou seja: os locais onde existem bancas passam a fazer parte obrigatória do roteiro das rondas policiais.

2-) quanto à apreensão de revistas, o secretário da Segurança diz: "não sou nenhum puritano, mas essas revistas são nojentas". E revelou que a Polícia recebeu várias queixas, procedentes de "mães, avós e pais", para que essas revistas — "uma barbaridade" — fossem retiradas das bancas. Várias dessas pessoas prestaram, inclusive, depoimento à Seccional Centro de Polícia. Além disso, informa o secretário, as revistas apreendidas eram clandestinas, "não possuíam nem o nome do editor, exigido por lei". Então, conta o secretário, o que a Polícia fez foi cumprir, no caso, a artigo 234 do Código Penal, que proíbe a comercialização, exposição ou porte de "objeto obsceno".

De qualquer modo, o secretário informou aos representantes do Sindicato dos Distribuidores de Jornais e Revistas que as apreensões, "apesar do respaldo de ordem legal", foram suspensas "até que a Justiça se manifeste a respeito".

Com relação a um rapaz preso na noite de anteontem, durante um ato público, na PUC, contra atos de terrorismo: o rapaz acusado de abrir cápsulas de gás entre os manifestantes, Ricardo Amorim Novaes, foi encaminhado ao Deops e liberado pouco tempo depois.

O secretário Gonzaga Júnior informou que recebeu um pedido do presidente da Comissão de Justiça e Paz, José Carlos Dias, para dar garantias ao ato público na PUC. Foram mandadas duas viaturas do Deops para o local.

Ricardo Novaes foi espancado pelos manifestantes, sofreu ferimentos e, segundo o secretário da Segurança, poderia ter sido linchado se não fosse a interferência dos deputados Eduardo Suplicy e Aírton Soares, que conseguiram levá-lo para fora. Ricardo Novaes, sempre negando que estivesse soltando cápsulas de gás, foi revistado por manifestantes, que nada encontraram em seu poder — nem cápsulas, nem o "pó químico", do qual falavam alguns. Levado para o Deops, Ricardo foi identificado como estudante do Mackenzie, mas nada foi apurado que pudesse incriminá-lo.

CASO DALLARI

Com relação ao esclarecimento do atentado ao jurista Dalmo Dallari, e à reiteração da exibição de álbuns com fotos dos agentes, o secretário da Segurança recebeu uma cópia do ofício enviado ao delegado Zildo Heliodoro dos Santos, que preside o inquérito no Deops, pelo promotor Walter Guilherme. Nesse ofício, o promotor diz que "se reserva o direito" de requisitar a exibição das fotos, para eventual identificação de autoria.

Gonzaga Júnior diz que pode garantir que, na sua área de competência, "toda determinação será cumprida".

A Boneca Assassinada

Os espectadores que assistiram ontem pela televisão às imagens do vandálico atentado contra uma creche israelita no Bom Retiro não poderiam deixar de ser possuídos por um sentimento de horror. Especialmente no que se refere aos judeus, em cuja memória jamais deixará de estar vivo o dantesco pesadelo do holocausto nazista.

A aparente inutilidade do atentado lhe transmitia cores ainda mais macabras. A foto de uma bonequinha com os olhos vazados por um punhal invisível, assassinada na sua insensibilidade de pano pela mão de um homem, provocou numerosos telefonemas de protesto para este jornal. E muitos leitores perguntavam, angustiados, como pode um ato simbólico de ódio humano tão animalesco ocorrer num país como o Brasil.

É justamente o que buscam os terroristas: semear o estupor, provocar o pânico, disseminar a histeria coletiva diante de um inimigo multifacetado, invisível, que age sob a proteção de uma estimuladora impunidade. E permanecendo por enquanto na superfície dos crimes sem sangue, busca evidentemente anestesiá-la a reação popular, alimentando por outro lado a famosa e ingênua frase do general Gelsel: "O Brasil continua uma ilha tranquila num mundo intranquilo."

Triste ilusão. O longo braço do terror não conhece mais idéias nem fronteiras. É a "Internacional Negra", que os jornais italianos apontam como responsável pelo horripilante atentado que vem de assassinar numa estação de Bolonha dezenas de adultos e crianças em plena euforia das férias de verão. São as "Brigadas Vermelhas" fuzilando o primeiro-ministro Aldo Moro. São os fanáticos homicidas da OLP cobrindo de sangue, com o massacre dos atletas israelenses, as Olimpíadas de Munique. A folha corrida é longa.

São Paulo.

E que dizer quando o terror é praticado pelo próprio Estado? Aqui mesmo, ao nosso lado, um nefando ato do governo uruguaio enche de vergonha a raça humana. Permitindo que uma delegação da Cruz Vermelha visitasse suas prisões e ouvisse confidencialmente de seus prisioneiros políticos informações sobre torturas e violências a que haviam sido submetidos, os serviços secretos uruguaios gravaram eletronicamente os depoimentos. E mal a delegação da Cruz Vermelha partiu, transformaram em corpos semicarbonizados e semidestroçados os prisioneiros que confiaram na palavra do governo.

O Brasil, que também conheceu seu mais negro episódio de terror, parecia imunizado ao seu retorno. Mas infelizmente não pertencemos ao Olimpo. A mais extremada direita terrorista está levantando a cabeça entre nós. "Ainda é uma minoria fanática, de cunho nitidamente fascista, com o objetivo de conter ou impedir a expansão do movimento de redemocratização do País", exclama o senador Tancredo Neves. Ao que acrescenta o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, empolgado pela força do protesto realizado na PUC: "A resposta a esses atentados é esta dada aqui hoje por vocês: a união de todas as forças populares da Nação."

Sábias e oportunas palavras. Unido e consciente, só o povo formará a grande barreira para deter o terror desenfreado diante da revoltante incapacidade ou omissão dos poderes públicos no esmagamento desse animal hidrófobo. A impunidade hoje o leva a apunhalar uma boneca. Amanhã será a vez da criança. S.W.

Crianças e Bonecas

A boneca assassinada, que jaz no chão da creche judia, traz no rosto uma expressão de espanto que não mais se encontra nos homens. Sua cabecinha de algodão e pano, acostumada ao sentimento de amor das crianças, não conseguiu entender a estupidez dos que se dedicam à violência em nome de idéias políticas. Daí o estupor traduzido naqueles olhos mal pintados.

Nós, infelizmente, já não somos capazes de nos surpreender como a boneca morta. As ameaças, os atentados e as explosões se repetem como acontecimentos enquadrados na rotina. Um dia temos o sequestro de um bispo, no outro uma bomba na ABI ou algum sindicato, depois a agressão a um jurista eminente. E, nas madrugadas, as bancas de jornais ardem como piras funerárias da liberdade de imprensa. Ninguém mais se espanta.

Tampouco causa espécie o fato de que, em tão longa série, as autoridades jamais tenham conseguido qualquer pista que levasse aos autores. Acostumamo-nos à impunidade da direita. Nós e o governo, que tem a obrigação constitucional de apurar infrações penais contra a ordem política, mas não a cumpre, tomado de súbitos pruridos federalistas.

Nada ficou esclarecido, exceto que há pouco interesse em esclarecer episódios gerados por determinada facção ideológica. Disso tivemos evidência há poucos meses, quando o autor de um documento de cunho nitidamente nazista foi subtraído ao poder de uma comissão parlamentar de inquérito, através de manobra patrocinada pelo Executivo. Liquidou-se a CPI nuclear,

FSP
13/8/80 **Brasília**

rebaixou-se o Congresso, mas a convocação não foi atendida. O ministro a quem o ofício era endereçado não o compreendeu bem, julgou que ficava a seu alvitre apresentar ou não o depoente.

Agora, em São Paulo, nas investigações sobre o atentado ao sr. Dallari, um delegado repete o erro, entendendo que era "sugestão" o requerimento do promotor que exigia certos procedimentos. Mais alguns enganos desses, em casos semelhantes, e o delegado acaba disputando lugar no Ministério.

Se a consciência nacional não foi despertada por tudo que aconteceu antes, não será o massacre de uma boneca que irá sensibilizá-la. Se o ódio que se exterioriza na destruição de uma creche não a impressiona, nada será capaz de tocá-la.

No final da guerra, quando os aliados mostraram o horror dos campos de concentração e revelaram os números relativos ao massacre de judeus, o mundo ficou estarrecido. Mais que todos se espantaram os alemães, que jamais imaginaram a que extremos tinha chegado o nazismo.

No entanto, quinze anos antes de matar as crianças judias, o regime quebrava creches e assassinava bonecas.

R.L.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal:

Data:

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Pela raiz

13/8/80
A creche da União Israelita-Brasileira do Bem-estar Social, localizada no Bom Retiro, em São Paulo, sofreu anteontem um atentado que a deixou parcialmente depredada. Desenhos de suásticas e inscrições de improperios foram encontrados nas paredes. A patologia do episódio ficou caracterizada por um mórbido simbolismo, objetivado na agressão a uma boneca retalhada a tesoura e uma inscrição dizendo "morte às crianças".

Muitos descartariam o evento como ação de anormais, apesar das nítidas conotações racistas. Entretanto, foram inúmeros os capítulos paranóicos aparentemente inconsequentes que antecederam a ascensão do nazismo na Alemanha.

Acontecimentos como este criam uma atmosfera propícia à perversão social que frequentemente precede as grandes crises políticas. A insegurança pessoal é ingrediente necessário às agitações coletivas.

Eis por que atos de vandalismo, aparentemente irracionais, foram indispensáveis para o surgimento do nazismo e se constituem, em qualquer época, em uma ameaça concreta ao bem-estar social e à vigência da ordem democrática.

O evidente conteúdo racista do atentado busca a mobilização dos sentimentos mais baixos que o homem possa ocultar e, como tal, se constitui em agressão a todos os brasileiros. Apesar da pouca ressonância que essa espécie de ação anti-social possa encontrar de imediato entre os cidadãos deste País, deve ser ela energicamente repudiada, pois a magnitude do dano possível é incomensurável.

A convivência, ou mesmo a negligência da sociedade, assim como de autoridades estabelecidas, em relação a esse gênero de atividade clandestina, não pode, portanto, ser tolerada. O mal se corta pela raiz.

PT quer politizar a luta nos bairros

O encontro paulista dos núcleos do PT ligados a trabalhos de bairro na periferia

Por Silvio Caccia Bava

Mais um passo importante foi dado na construção do Partido dos Trabalhadores em São Paulo. A partir de uma iniciativa de militantes de base ligados às lutas da periferia, e coordenada pela deputada Irma Passoni, da direção estadual do PT, realizou-se em Itapeverica da Serra, nos dias 19 e 20 de julho, um encontro que reuniu 150 representantes de núcleos. Neste encontro estavam representados 50 bairros da periferia de São Paulo, 13 cidades do interior e delegações dos Estados do Pará, Minas Gerais e Bahia.

O objetivo do encontro foi aproximar os militantes do PT que atuam nas lutas da periferia, trocar experiências e iniciar discussão sobre a linha de ação do partido junto às lutas populares por melhores condições de vida nos bairros.

Avaliado por muitos como o mais importante encontro de trabalhos de base já realizados pelo PT, a reunião enfrentou questões como a unificação das lutas da periferia, a necessidade de fortalecimento das entidades populares, como o militante do PT deve atuar nos movimentos de bairro, como politizar a luta reivindicatória.

Havia uma satisfação geral, pois todos compreendiam o que estavam fazendo ali: construindo o PT de baixo para cima, a partir da sua ligação com as lutas da classe trabalhadora.

O primeiro dia foi reservado para cada um contar, em pequenos grupos de discussão, suas experiências de luta para companheiros que se encontravam pela primeira vez no interior do partido. Experiências como a Comissão de Bairros de Belém, o Comitê de Bairros de Belo Horizonte, a Assembléia do Povo de Campinas, serviram de exemplos de unificação das lutas populares que, assim, adquirem uma maior força para enfrentar o Estado e arrancar dos órgãos públicos concessões importantes como aconteceu, por exemplo, em Belo Horizonte, onde a pressão popular conseguiu que fôsse aprovada uma lei que rebaixa as tarifas de água e luz cobradas em bairros populares. Também não faltou bom humor e criatividade quando as companheiras de Belém contaram suas experiências em **prossiatas**, uma mistura de procissão com passeatas.

Mas, como não poderia deixar de ser, o encontro refletiu também os impasses vividos pelos trabalhos de bairro em muitos lugares onde a consciência e organização do povo ainda não foi capaz de construir formas superiores de luta. Ficou evidente que um dos maiores problemas é o isolamento em que vive a maioria dos trabalhos de bairro e que este isolamento atinge igualmente os núcleos do PT que participam das lutas da periferia.

Afinal, o que é a prática política?

No segundo dia as discussões se centraram em torno da relação do partido com as lutas da periferia. E ficou claro para todos a dificuldade vivida pelos militantes do PT em definirem o que é fazer o trabalho político, o trabalho partidário.

Antes de se iniciarem novamente as discussões em grupo e para preparar esta nova etapa do encontro, o companheiro Eder Sader apresentou uma pequena exposição sobre o tema "O que é a prática e para que serve um partido dos trabalhadores". E é nessa nova fase de discussões que o encontro apresenta sua maior riqueza e também seu momento mais difícil. Como discutir a prática dos militantes do PT se não há uma linha de ação do partido para orientar essa prática?

A questão é complicada e coloca não só a necessidade de se definir essa linha de ação, mas a necessidade também de todos os participantes romperem com sua formação autoritária, fruto destes longos anos de ditadura, onde a ausência de uma prática democrática, a ausência de um espaço maior de participação política, fez com que esperemos sempre as decisões que "vêm de cima". Construir a linha de ação do PT para as lutas da periferia é uma tarefa principalmente dos seus militantes engajados nestas lutas. Essa foi uma das conclusões importantes do encontro.

Mas se esse foi um princípio com o qual todos estavam de acordo, a discussão não se tornou mais fácil por causa disto. Uma das sugestões mais frequentes da última plenária foi a criação de cursos de formação política. Havia uma preocupação presente em todas as discussões em grupo: "como juntar a luta reivindicatória com a luta política?" Apesar de várias intervenções colocarem que esta era uma falsa questão, que o verdadeiro problema era como politizar as lutas reivindicatórias, não ficou claro para muita gente o que era esse "politizar".

Mas o encontro não foi só de discussões. Não faltaram momentos de diversão com a apresentação de grupos de música e mesmo a projeção de um filme longa metragem. E o "Hino do PT", feito pelos companheiros do Grajaú, tornou-se o hino do encontro, cantado por todos nos dois dias.



Plenário do encontro em Itapeverica

As conclusões do encontro

Apesar de não ter um caráter deliberativo, algumas sugestões foram aprovadas na última plenária por todos os participantes. Defender autonomia das lutas da classe trabalhadora. Para isso o PT deve reforçar as entidades populares e não tentar absorver o movimento para dentro do partido, ao contrário, impulsioná-lo a partir da participação de seus militantes nas entidades populares e nas lutas que elas levam. Promover cursos de formação de lideranças, de capacitação política dos militantes do PT. Promover novos encontros como este para aprofundar as discussões e tirar uma linha de ação do partido. Criar uma secretaria de trabalho de bairro dentro do PT que possa garantir o contato permanente entre os diferentes trabalhos de bairro. Oferecer infra-estrutura de apoio aos movimentos populares através de mimeógrafo, aparelho de som, etc. Coordenar a atuação dos militantes nas lutas da periferia, etc.

Ficou decidido também que a experiência do encontro, os resultados das discussões, deverão ser transmitidos a todos os militantes do PT. Para isso foi formada uma comissão de voluntários que, junto com a comissão organizadora, deverá redigir um relatório do encontro para ser encaminhado a todos os núcleos do PT.

Ao final do encontro, a deputada Irma Passoni comprometeu-se a levar as sugestões aprovadas para a direção estadual do PT e defendeu a realização, dentro de alguns meses, de um encontro estadual de trabalhos de bairro, oficialmente promovido pela Comissão, de onde se tiraria uma linha de ação, um programa político do partido para as lutas da periferia.

Lutas na periferia

Cresce a organização popular

Em alguns pontos da periferia de São Paulo começam a surgir novas experiências de uma maior organização das lutas populares, uma tentativa dos moradores somarem forças para enfrentar o Estado, o governador, a prefeitura... Estas novas formas de organização chamam-se às vezes Comissão de Moradores, outras União de Bairros e reúnem todas as entidades da região para a luta conjunta. Ai somam-se Sociedades de Amigos, comunidades de base da Igreja, grupos do PMDB, núcleos do PT, etc. Unem-se a partir de uma prática comum na luta por melhores condições de vida nos bairros e liberdade de participação.

Além de aumentarem muito em número, os movimentos reivindicatórios populares têm criado respostas a alguns problemas antes considerados crônicos. O mais importante talvez seja o isolamento entre as diferentes lutas levadas pelos moradores da periferia e, como consequência, sua fraca capacidade de pressão contra o Estado. Outro problema é a desorganização destes movimentos depois do contato com as autoridades, sua falta de continuidade.

Ao menos para essas questões a experiência de lutas dos trabalhadores já foi capaz de apontar uma solução.

São experiências como as que estão acontecendo na Freguesia do Ó, em Itaquera, em Osasco, que indicam as formas escolhidas pelos movimentos sociais para se fortalecerem e se ampliarem. Nestas regiões constituíram-se organismos intermediários de massa. O que é isso? São formas de organização que reúnem todas as entidades e associações comprometidas com a luta popular e onde ninguém manda. Todas as decisões são tomadas democraticamente, respeitada a autonomia dos movimentos e entidades que aí participam.

É o caso do "Comitê de Associações, Comunidades, Comissões de Bairros, e Partidos de Oposição em Defesa da Melhoria das Condições de Vida da Freguesia do Ó". Nele se reúnem os membros dos núcleos locais do PMDB e do PT, diversas sociedades de amigos, representantes da Igreja e as comissões de moradores. Estas comissões, eleitas democraticamente com seus bairros são a principal expressão das entidades que compõem o Comitê.

Uma das atividades deste Comitê, foi a elaboração de um documento com as reivindicações gerais da região, reivindicações conjuntas de alguns bairros e reivindicações específicas de uma vila ou

um bairro, para serem entregues ao governador quando este instalou seu governo itinerante na Freguesia do Ó. Mas além de elaborar o documento, o Comitê teve um papel mais importante: através dele se organizou a já tão falada manifestação popular que foi atacada pelos grupos fascistas que apoiam o governador Maluf.

Em outra parte da cidade, na Zona Leste, está se criando a UNIÃO DE BAIRROS, outra entidade que pretende coordenar as lutas da região, apoiar os trabalhos de bairro existentes e impulsionar o surgimento de movimentos reivindicatórios onde eles ainda não existem. Embora já esteja criada há alguns meses, a UNIÃO DE BAIRROS terá seu lançamento oficial no dia 11 de outubro, na quadra da escola de samba Nenê da Vila Matilde. Como na Freguesia do Ó, aí também estão participando núcleos do PT, comunidades de base, sociedades de amigos, comissões de moradores.

A tônica destas novas formas de organização é a sua luta pela autonomia, por sua independência total frente ao Estado e a todas as forças políticas.

Mas estas novas entidades não só aceitam como acham necessária a participação de todas as forças políticas comprometidas com as lutas populares em seu interior. O que não admitem é que qualquer destas forças se proponha a dominar o movimento ou se servir dele para fortalecimento próprio. E isto tem sido uma prática tão comum que a única garantia de crescimento destas entidades está numa participação massiva dos moradores da região.

Na verdade, estas novas entidades surgem com uma nova proposta de como fazer política, uma proposta radicalmente diferente do passado (para não dizer oposita) porque rompe com a tradicional política onde se trocavam benefícios para o bairro por apoio político e votos. Porque as decisões não são tomadas ao nível das cúpulas, mas pelos representantes dos diferentes trabalhos de bairro presentes. Porque os trabalhadores recusam qualquer tutela de partidos políticos ou forças de esquerda que estejam presentes mas, ao mesmo tempo, reconhecem a importância de sua intervenção política desde que ela se dê no interior de um espaço democrático, onde suas propostas possam ser discutidas e votadas por todos.

A unificação das lutas da periferia politiza os movimentos sociais, cria condições para que o morador da periferia se identifique com seus companheiros que se organizam em outros movimentos, em outras lutas e, juntos, descubram sua condição comum de explorados e seu inimigo comum: o Estado e o Capital. (S. C. Bava)

Liberada verba para creche depredada

Por orientação do governador Paulo Maluf, o Conselho Estadual de Ajuda e Subvenções da Secretaria da Promoção Social liberou ontem verba de 351 mil cruzeiros à creche da União Israelita Brasileira do Bem-Estar Social — Unibes, antecipando o restante da subvenção anual recebida normalmente pela entidade, em quatro parcelas, no valor de 750 mil cruzeiros. Hoje, o governador do Estado deverá liberar verba adicional de 500 mil cruzeiros para que possam ser feitos reparos nos estragos causados à creche pelo atentado da última segunda-feira.

O cheque de 351 mil cruzeiros, foi entregue por da. Sílvia Maluf, em cerimônia realizada ontem à tarde na creche Israelita, à presidente Petrônia Teperman, na presença do secretário Salim Curiati, da Promoção Social, e Jaime Masmani, presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo.

Petrônia Teperman iniciou a cerimônia agradecendo a colaboração e a solidariedade do Governo do Estado e enaltecendo "a proteção de nossos filhos e netos. Não devemos nos amedrontar com esse atentado. Na nossa creche, as crianças são bem tratadas e não fazemos distinção de credo, cor ou raça. Das 130 crianças que atendemos aqui, apenas 21 são israelitas e não vemos motivos de serem atacadas crianças e passarinhos. Essas crianças são nossas jóias, que querem destruir".

Sílvia Maluf, que considerou o atentado "um ato de vandalismo", afirmando que "todos nós brasileiros, numa hora como esta, temos que nos unir, sem olhar credo, cor, partido, coisa alguma, e olharmos nossas crianças", declarou, ao entregar o cheque, que "estou aqui para trazer o apoio e a solidariedade de meu marido, o governador do Estado, e do Fundo de Assistência Social do Palácio dos Bandeirantes".

Curiati, por sua vez, declarou que ali estava para levar uma mensagem de amor e fraternidade. Segundo informações do secretário, "o Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo vai colaborar no reparo dos estragos provocados e ajudará com o fornecimento de alimentos, brinquedos e colchões destruídos, entre outras coisas, para fazer com que a entidade reencontre o seu programa de amparo à família e ao menor. E, se houver necessidade, o governador irá liberar mais verbas".

Várias empresas e pessoas já procuraram o Fundo Assistencial para fazer doações, entre elas a Brinquedos Estrela, que se colocou à disposição para repor todos os brinquedos quebrados; mas, ainda não se sabe o total arrecadado e o montante dos prejuízos. Os reparos deverão ser iniciados hoje e a direção da creche espera reiniciar o atendimento às crianças na próxima segunda-feira, embora a título precário.

NOTA OFICIAL

"Destá vez foi a creche da Unibes. Uma instituição a serviço da população paulistana, que abriga mais de uma centena de crianças, em sua grande maioria, não judias. Homens, se é que assim podem ser chamados, investiram de maneira covarde. Foi um ato de vandalismo. Nada restou. Tudo foi destruído de forma sádica, conforme os veículos de informação já noticiaram. Os fatos, mais cedo ou mais tarde, deverão de ser esclarecidos. Confiamos nas nossas autoridades. Aquelas instalações serão reconstruídas. Para tanto apelamos às pessoas de boa vontade. Que se juntem a nós para que a atenção, o carinho, o calor humano, a alimentação, a assistência médica, o lazer, enfim todas as atividades de creche da Unibes sejam logo restabelecidas. A comunidade judaica, a despeito do ocorrido, preo-

cupada mas não intimidada, coesa e serena, continua sem esmorecimento, juntando os seus esforços para que o Brasil prossiga no caminho do progresso e do restabelecimento democrático", foi a nota, na íntegra, lida durante a cerimônia pelo presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo.

ATENTADO

"Não acredito que tenha havido caráter político nesse atentado, mas praticado por pessoas doentes, com grande dose de maldade e de perversidade. Não acredito que esses casos se repetirão, pois o brasileiro é um povo bom e acredito no amor e na fraternidade. Enquanto não se esclarecer os fatos, acreditarei ter sido praticado por pessoas doentes, pois não podemos estimular esse vandalismo", disse Salim Curiati, ao comentar sobre os possíveis autores do atentado.

No saguão de entrada da creche da Unibes existem sete placas de agradecimento afixadas e apenas uma delas foi retirada e jogada ao chão pelos invasores, justamente a dedicada à "Conference on Jewish Material Claims Against Germany". Esse comitê internacional recebeu, no passado, uma indenização do governo alemão pelos prejuízos causados pelo nazismo às famílias judias durante a II Guerra Mundial.

"Como, de um modo geral, poucas famílias sobreviveram, algumas vezes não foi possível a identificação de seus descendentes e outras não quiseram receber a indenização, o comitê internacional realizou doações a entidades que dão assistência social, como foi o nosso caso", explicou Jaime Masmani, acrescentando que "a placa pode ter sido arrancada porque o atentado pode ter alguma coisa com o nazismo, ou pode ter a intenção de confundir a identidade de seus autores".

Mulheres vão à luta por seus filhos

IREDE A. CARDOSO

Nunca se observou tanta efervescência entre as mulheres. Sua ação vai da conquista de imagens publicitárias mais dignas, passando pela organização para que chegue ao fim o terrorismo machista, no caso de assassinatos de companheiras, e alcançando manifestações políticas de longo alcance, nas quais a solidariedade transborda fronteiras e clama por mães e filhos, perseguidos por regimes arbitrários.

Felizmente, os homens começam também a se mobilizar aliando-se a nós. Pode ser que sejamos consideradas até carrancudas, mas, mesmo as coisas mais sérias, podemos dizer com suavidade e sem rancor. Henfil, nosso querido humorista, acaba de lançar seu movimento, o "homismo", porque considera que as mulheres estão indo em demasia na frente dos homens, ou que eles estão indo devagar demais. E ele está com a razão, em querer que cheguemos todos juntos, homens e mulheres. É preciso, pois, no humorismo, rir à vontade, sem ofender a não ser os inimigos e de modo refinado. Na próxima sexta-feira, as mulheres darão um passo a mais na luta pela solidariedade entre mulheres, vestindo-se de negro, com lenços brancos nas cabeças, silenciosas pela dor de saber que, num país vizinho, crianças, pais e mães desaparecem por se opor a um regime violento e autoritário. É o nosso protesto a favor das "locas de la Plaza de Mayo", com toda nossa tristeza de ver mulheres que poderiam ser nossas mães e avós, desesperadas procurando pelos filhos, filhas e netos. Se as mulheres não se dão os braços e lutam por suas famílias, quem as defenderá? Quem as protegerá quando nem a infância é poupada, num clima que lem-

bra o dos carrascos de Auschwitz? Certamente, não é uma manifestação de bom-humor, mas não há a menor possibilidade de sorrirmos quando é a própria vida que está sendo roubada, daquelas que sabem o quanto custa pôr um filho no mundo e criá-lo.

A dor da humanidade serve-nos de bandeira para lutarmos por um mundo melhor, dando nosso testemunho pessoal. As "locas" são mães cujas vidas assumem um significado especial: elas querem apenas saber o que foi feito de seus filhos e netos, desaparecidos em masmorras sinistras, mas não mereceram sequer uma resposta.

Não importa onde a mulher esteja sofrendo em sua dignidade e em sua luta pela sobrevivência: lá estaremos nós todas, ao menos simbolicamente dando um exemplo da coragem feminina. Não podemos nos acomodar em nossos afazeres cotidianos, no — este sim — louco egoísmo que fecha os olhos ao sofrimento de nossas irmãs. Nosso ventre, que dá a vida nos puxa para a luta pela vida, e não há como impedir que isso aconteça.

Na sexta-feira, às 16 horas, em frente ao Teatro Municipal, as mulheres paulistas têm um compromisso com o amor à vida. Têm um compromisso histórico que jamais poderá ser esquecido, como exemplo da vontade de ver, um dia, o mundo ser daqueles que amam a vida e querem-na cada vez mais luminosa.

Nesse momento, estaremos silenciosas, de negro, repetindo um doloroso ritual que há anos é mantido pelas mulheres do país vizinho. Nós nos lembraremos de todos os nossos sofrimentos, dos irmãos perdidos, dos companheiros que desapareceram; das mulheres que, oprimidas pelo terrorismo machista são assassinadas diariamente; da vereadora de uma cidade do interior paulista que, duramente, enfrenta de seus pares, a prova desse machismo insuportável; da injustiça que existe em cada lar, quando a menina é tratada como se fosse um ser inferior a seu irmão.

Mas, dentro de nós, estará a certeza de que, nesse momento, essa dor é menor que a esperança que sentimos ao nos juntarmos, independente de qualquer crença política, religião, cor ou nacionalidade. Esse é o mundo melhor que vislumbraremos, nesse momento de imensa dor lembrada. E salremos fortalecidas, certas de estarmos preparando, para nossos filhos, o mundo que sonhamos para todos nós.

Liberada verba para creche depredada

Por orientação do governador Paulo Maluf, o Conselho Estadual de Ajuda e Subvenções da Secretaria da Promoção Social liberou ontem verba de 351 mil cruzeiros à creche da União Israelita Brasileira do Bem-Estar Social — Unibes, antecipando o restante da subvenção anual recebida normalmente pela entidade, em quatro parcelas, no valor de 750 mil cruzeiros. Hoje, o governador do Estado deverá liberar verba adicional de 500 mil cruzeiros para que possam ser feitos reparos nos estragos causados à creche pelo atentado da última segunda-feira.

O cheque de 351 mil cruzeiros, foi entregue por da. Sílvia Maluf, em cerimônia realizada ontem à tarde na creche Israelita, à presidente Petrônia Teperman, na presença do secretário Salim Curiati, da Promoção Social, e Jaime Masmani, presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo.

- Petrônia Teperman iniciou a cerimônia agradecendo a colaboração e a solidariedade do Governo do Estado e enaltecendo "a proteção de nossos filhos e netos. Não devemos nos amedrontar com esse atentado. Na nossa creche, as crianças são bem tratadas e não fazemos distinção de credo, cor ou raça. Das 130 crianças que atendemos aqui, apenas 21 são israelitas e não vemos motivos de serem atacadas crianças e passarinhos. Essas crianças são nossas jóias, que querem destruir".

Sílvia Maluf, que considerou o atentado "um ato de vandalismo", afirmando que "todos nós brasileiros, numa hora como esta, temos que nos unir, sem olhar credo, cor, partido, coisa alguma, e olharmos nossas crianças", declarou, ao entregar o cheque, que "estou aqui para trazer o apoio e a solidariedade de meu marido, o governador do Estado, e do Fundo de Assistência Social do Palácio dos Bandeirantes".

Curiati, por sua vez, declarou que ali estava para levar uma mensagem de amor e fraternidade. Segundo informações do secretário, "o Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo vai colaborar no reparo dos estragos provocados e ajudará com o fornecimento de alimentos, brinquedos e colchões destruídos, entre outras coisas, para fazer com que a entidade reencontre o seu programa de amparo à família e ao menor. E, se houver necessidade, o governador irá liberar mais verbas".

Várias empresas e pessoas já procuraram o Fundo Assistencial para fazer doações, entre elas a Brinquedos Estrela, que se colocou à disposição para repor todos os brinquedos quebrados; mas, ainda não se sabe o total arrecadado e o montante dos prejuízos. Os reparos deverão ser iniciados hoje e a direção da creche espera reiniciar o atendimento às crianças na próxima segunda-feira, embora a título precário.

NOTA OFICIAL

"Desta vez foi a creche da Unibes. Uma instituição a serviço da população paulistana, que abriga mais de uma centena de crianças, em sua grande maioria, não judias. Homens, se é que assim podem ser chamados, investiram de maneira covarde. Foi um ato de vandalismo. Nada restou. Tudo foi destruído de forma sádica, conforme os veículos de informação já noticiaram. Os fatos, mais cedo ou mais tarde, haverão de ser esclarecidos. Confiamos nas nossas autoridades. Aquelas instalações serão reconstruídas. Para tanto apelamos às pessoas de boa vontade. Que se juntem a nós para que a atenção, o carinho, o calor humano, a alimentação, a assistência médica, o lazer, enfim todas as atividades de creche da Unibes sejam logo restabelecidas. A comunidade judaica, a despeito do ocorrido, preo-

cupada mas não intimidada, coesa e serena, continua sem esmorecimento, juntando os seus esforços para que o Brasil prossiga no caminho do progresso e do restabelecimento democrático", foi a nota, na íntegra, lida durante a cerimônia pelo presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo.

ATENTADO

"Não acredito que tenha havido caráter político nesse atentado, mas praticado por pessoas doentes, com grande dose de maldade e de perversidade. Não acredito que esses casos se repetirão, pois o brasileiro é um povo bom e acredito no amor e na fraternidade. Enquanto não se esclarecer os fatos, acreditarei ter sido praticado por pessoas doentes, pois não podemos estimular esse vandalismo", disse Salim Curiati, ao comentar sobre os possíveis autores do atentado.

No saguão de entrada da creche da Unibes existem sete placas de agradecimento afixadas e apenas uma delas foi retirada e jogada ao chão pelos invasores, justamente a dedicada à "Conference on Jewish Material Claims Against Germany". Esse comitê internacional recebeu, no passado, uma indenização do governo alemão pelos prejuízos causados pelo nazismo às famílias judias durante a II Guerra Mundial.

"Como, de um modo geral, poucas famílias sobreviveram, algumas vezes não foi possível a identificação de seus descendentes e outras não quiseram receber a indenização, o comitê internacional realizou doações a entidades que dão assistência social, como foi o nosso caso", explicou Jaime Masmani, acrescentando que "a placa pode ter sido arrancada porque o atentado pode ter alguma coisa com o nazismo, ou pode ter a intenção de confundir a identidade de seus autores".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGASDepto. de Pesquisas Educacionais
BibliotecaJornal *FOLHA DE SP*Data *17/08/80*Pág. *21*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

Especialistas debatem a *Folha 17/8/80 p. 21* amamentação materna

Cerca de 40 das maiores autoridades mundiais debaterão nos dias 22 e 24 próximos, no São Paulo Hilton, o declínio da amamentação natural no Brasil, durante encontro que precede a realização do 8.º Congresso Internacional de Dietética e 6.º Congresso Latino-Americano de Nutricionistas e Dietistas, que acontecerão no Palácio das Convenções do Anhembi, de 25 a 31 próximos.

pois essas cifras referem-se a bebês desmamados antes dos 30 dias de vida.

O crescente abandono da amamentação natural é um dos maiores problemas de nutrição no Brasil. Cidades como São Paulo, Recife e Ribeirão Preto, onde se constata 52% de mortes na faixa etária entre um e cinco meses, são exemplos bem elucidativos desse problema.

Pasta n.º 0692
N.º do recorte

Jornal: MOVIMENTO
11-17 / 08 / 1980
Data
Pág. 20-22

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

A MEIA DÉCADA

Em 1975, a Organização das Nações Unidas decidiu inaugurar uma década dedicada às mulheres. Cinco anos mais tarde, no meio do percurso, uma conferência se reuniu, em Copenhague, para avaliar como tinha evoluído a situação feminina.

Ao lado desse encontro oficial da ONU, em que participaram representações de 136 países, uma outra conferência, "paralela", promovida por organizações feministas, também se realizou em Copenhague.

A segunda encerrou seus trabalhos no último dia 24. E a primeira prosseguiu até o dia 30.

A reunião oficial foi palco das mesmas discussões que polarizam as Assembléias Gerais da ONU, em Nova York: Palestina, Camboja, Afeganistão. A "grande política" chega às mulheres. Mas será isso realmente uma vitória? A enviada especial do jornal francês *Libération* duvida.

Ao mesmo tempo, a articulista do *Monde Diplomatique* dá um balanço parcial no que foi escrito pelas feministas neste cinco anos (este último artigo está condensado).

DAS MULHERES

Um balanço (negativo) das duas reuniões de Copenhague

Annette Levy Willard (*Libération*)

Política? Muita política? Ou falta de política? Não se sabe mais. Primeiro tempo, é o arrebatamento, as mulheres saem do gueto das "questões femininas": racismo, *apartheid*, tecnologia, evolução, comunicação, estruturas de opressão, análises...

Segundo tempo, o aborrecimento dos longos discursos na tribuna da ONU que começam todos por "as mulheres representam 50% da população..." e terminam por um abstrato panegirico das realizações gloriosas do país.

Terceiro tempo, e se as mulheres fizessem realmente política em lugar de reproduzir fielmente as habituais contradições próprias a todo encontro internacional do século XX? Desânimo.

A que vem esta atenção dada às mulheres pela ONU, pelos 136 países vindos em delegação, as dezenas de organizações mundiais e os 10 mil

participantes nas duas conferências?

É a década da mulher, havia decidido a ONU — no México, em 1975 — que estabeleceu um "programa de ação" sobre os temas "Igualdade-Desenvolvimento-Paz". No meio do caminho, pausa para reavaliar: Copenhague, julho de 1980. E se produz um novo "programa" para os próximos cinco anos.

Isso se passa sob uma gigantesca abóbada de vidro, o "*Bella Center*", território da ONU durante a conferência. Diferentemente do outro território da ONU, à margem do *East River*, em Nova York, nota-se a olho nu um número maior de mulheres. Aliás, "somente" 23 delegações são dirigidas por homens.

A alguns quilômetros de lá, o *Forum*, "não governamental", mas vinculado às organizações internacionais, debate sem interrupção a situação das mulheres no mundo sob todos os planos imagináveis. Na ONU como no *Forum*, o Terceiro Mundo é majoritário e dominante. Entre as duas conferências a circulação é intensa, remetendo-se subterraneamente às mesmas questões e conflitos.

Só um pretexto para falar dos acordos de Camp David

Na ONU, os choques são claros. A delegada síria passa, em sua intervenção sobre as mulheres, uma condenação dos acordos de Camp David; o Egito protesta. Chega a delegada do Camboja Democrático (Camboja - representado na ONU pelo governo

Ainda à espera de uma fundamentação teórica

Geneviève Brisac

Depois de cinco anos, uma abundante publicação de livros, revistas teóricas, jornais etc., traduz uma apropriação da escrita por um número crescente de mulheres, impulsionadas por um movimento de busca de identidade, de reivindicação de igualdade social, de exigência de dignidade individual. Um movimento subversivo que repercute por todo o mundo, ainda que ele se exprima sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. A palavra e a escrita foram sempre as principais armas das mulheres que, ao longo dos séculos, se revoltaram contra a submissão; isso foi muitas vezes sua fraqueza.

Hoje, pode-se ainda acreditar no poder das palavras, dos raciocínios? Na URSS, onde a KGB exerce pressões sobre as mulheres que acabam de lançar uma revista feminista, primeira publicação de libertação das mulheres, e impede a aparição do segundo número, o simples fato de ousar testemunhar é um imenso passo adiante. Na França, a questão se coloca diferentemente, é claro, com muito mais sutileza, porque são várias as maneiras de fazer calar.

Restauração da dignidade da condição feminina

Já se comentou muito, mas foi ainda pouco analisada a produção feminista dos últimos anos. Quais foram

os avanços teóricos produzidos por esse movimento? Quais foram os caminhos traçados, e até que ponto? Quais os impasses encontrados?

As coisas caminham lenta e subterraneamente; de 1975 a 1980, a condição das mulheres mudou, de fato, pouco. Também os instrumentos de compreensão fornecidos nestes últimos anos deveriam permanecer acessíveis e ligados apenas às práticas que eles cobrem. Tanto mais que se trata de disfarçar a fraqueza das preocupações teóricas, uma constante dos movimentos de mulheres. Constante perniciosa hoje, quando se faz sentir a fragilidade de todas as transformações esboçadas ao longo dos últimos 15 anos, em que podem ser constatados efeitos de bumerangue, quando os conceitos portadores de mudança se encontram utilizados com fins contrários.

Paroles de femme (Palavras de mulher), este era o título de um livro de sucesso, de Annie Leclerc. No rasto dessa obra de referência, em que se encontram valorizadas, às vezes restauradas em sua dignidade, algumas especificidades da condição biológica das mulheres, quantidades de escritos apareceram para exaltar uma natureza, um ser-mulher. Eles tinham o mérito de falar na primeira pessoa, de representar uma apropriação do corpo real e simbólico, cotidiano e poético.

Progressivamente, esses livros de testemunho perderam sua força sub-

versiva para cair na convivência: *Écoute ma difference* (Escuta minha diferença), escrito por Mariella Righini; diferença secularmente admitida, é bom lembrar, pelo sexo dito forte. Convivência e tentação de facilidades. Ao prazer de contar sucede o risco de se repetir. A aquisição da segurança indispensável que constitui o fato de se pensarem portadoras de discursos e valores universalmente úteis por terem sido universalmente desprezadas sucede, às vezes, a auto-satisfação. Com novos estereótipos.

A tendência perigosa de falar apenas do "eu"

Facilidade como a de dizer "as mulheres estão mortas há tempo demais" e fazer aparecer, rapidamente registradas, rapidamente publicadas, montagens de fragmentos de entrevista. Várias obras recentes padecem desse defeito: originárias de uma idéia ou de um fenômeno interessantes, elas se contentam em rodear a análise a fazer, limitando-se às premissas de trabalho sociológico acabado. Toma-se uma amostra de mulheres que são interrogadas sobre o tema abordado, os elementos de análise aparecem e são deixados como estão. Livros como *Mères célibataires volontaires* (Mães celibatárias voluntárias) ou *Femmes, l'érotisme et la pornographie* (Mulheres, o erotismo e a pornografia) são bons exemplos.

Não se trata, aliás, de um

defeito reservado aos livros feministas, ocorre simplesmente que ele desabrocha alimentado pela necessidade de se dizer, pelo sentimento de ter séculos de silêncio para preencher, características ideológicas próprias dos movimentos feministas, como a valorização da palavra bruta, das sensações, do empirismo, reforçados pelo prazer de se reconhecer no testemunho de outra.

O romance não é verdadeiramente um campo novo. Mas as lutas das mulheres catalisam as energias: das que lêem, das que escrevem. Isso é, no momento, sensível sobretudo na literatura anglo-saxônica; uma americana como Marilyn French vendeu um milhão de exemplares de *Toilettes pour femmes* (*Toilettes* para mulheres), em que se acham representadas opressões e revoltas de mulheres da classe média. Os personagens de Marilyn French, como as heroínas de Doris Lessing, são mulheres contraditórias, às vezes violentas, frequentemente acuadas, com uma lucidez amarga. Elas tentam mudar sua vida e mudam, de fracassos em crises, nossa percepção das coisas antes evidentes: o desenrolar de uma reunião política, o abandono de uma criança, a necessidade de se sentir útil.

Em *L'Echo lointain de l'orage* (O eco longínquo do trovão) não se trata de dizer a diferença entre Martha Quest e os personagens masculinos,

deposto do Khmer Vermelho), saem o Leste Europeu e o Afeganistão. Curiosamente, o representante do Afeganistão poderá ler tranqüilamente seu discurso sobre as escolas e as creches, com apenas a China e o Paquistão abandonando a sala.

O jogo "onusiano" consiste em se colocar à porta e contar as saídas indignadas.

Nas comissões, os pontos são contabilizados a golpes de emendas. Se conseguirá fazer passar o "sionismo" numa resolução sobre o racismo (como ocorreu na Conferência do México), será citado o "imperialismo" como fonte de desigualdade?

Impossível, na conferência oficial, saber se, de fato, a situação das mulheres progrediu ou não depois de cinco anos. Poucas cifras, muita retórica. Numa última tentativa para recolher informações, entrevistei algumas delegações.

"Sim, há menos mulheres anal-fabetas em nosso país" (e homens também provavelmente), "nós temos x mulheres em postos de responsabilidade e elas trabalham mais do que

antes". Os melhores nesse gênero são os países do Leste. Maria Kabrhelova, vice-presidente da conferência e capitã da delegação de Tcheco-Eslováquia afirma: "as mulheres tchecas são parceiras plenamente qualificadas, totalmente iguais e respeitadas no desenvolvimento dos valores materiais e espirituais de nossa sociedade. É por isso que elas puderam desenvolver harmoniosa e alegremente sua personalidade". Eis um depoimento.

Os homens vistos não como inimigos, mas como vítimas

Junto aos movimentos revolucionários, da mesma forma: sempre "elas participam da luta nacional". Os menos satisfeitos são os países escandinavos que não hesitam em reconhecer que suas leis sobre a igualdade não foram suficientes para modificar a sociedade, nem as mentalidades.

No *Forum*, ao menos, se combate. Terceiro Mundo contra o Ocidente. Mulheres contra o patriarcado. Os níveis se misturam. Nawal El Sadaawi,

médica, feminista egípcia representa bem o ponto de vista do bloco anti-ocidental: "os homens não são nossos inimigos — disse — mas também vítimas. Da mesma forma que a religião não é nossa inimiga, mas os sistemas políticos. Assim, o Islã não é contra as mulheres, mas o patriarcado utiliza o Islã sob seus aspectos mais reacionários e mais repressivos".

Ela se levantou contra a cruzada sobre a excisão (no caso, prática generalizada na África que consiste no seccionamento do clitóris, de modo a impedir que as mulheres sintam prazer sexual e, dessa forma, "garantir" a fidelidade conjugal) "conduzida pelas feministas ocidentais e pelas agências internacionais". Não por defender a prática da excisão, "um sintoma do sistema patriarcal", mas porque é assunto das mulheres africanas que saberão, progressivamente, fazer desaparecer esse costume. "Em certos países — ela acrescenta — a mutilação das mulheres é física. Mas ela também pode ser psicológica: as mulheres ocidentais não são também mutiladas pelas teorias e a educação

sexual?"

A excisão é o primeiro obstáculo contra o qual se quebra a irmandade internacional. Há outros: como discutir a igualdade, dizem as mulheres do Terceiro Mundo, quando não se tem nem água, nem alimentos e nossas crianças morrem em baixa idade? A igualdade e o econômico vão juntos, respondem as ocidentais.

O Terceiro Mundo não quer o sexo como no Ocidente

Todas concordam ferozmente sobre "nossos" direitos fundamentais: "controle da natalidade, acesso à educação, ao trabalho, fim das discriminações". Uma coisa é certa, as mulheres do Terceiro Mundo não querem um modelo ocidental de "revolução sexual": "veja as taxas de suicídios das mulheres no Ocidente"!

Para umas, o patriarcado é a família e a sexualidade. Para as outras, é o colonialismo e a exploração. Cada uma terá, talvez, a família que deseja.



o alvo não é pintar a si própria, mas partir de si para alcançar o mundo. São romances que colocam em evidência os traços específicos da apreensão feminina dos seres e das situações. O que não é jamais seu objetivo exclusivo já que se trata de abraçar todo um universo, de descrevê-lo.

Na França, com exceção de um romance como *Monde indigo* (Mundo indigo), não se assiste a uma produção como essa. Escreve-se, por outro lado, numerosos romances na tradição intimista e racionalista. Pequenos romances claros como camafeus, às vezes sutis. Bem na tradição francesa do passado. Mas essa tradição coincide com uma tentação feminista: dizer "eu" e não ousar falar de outra coisa além de si.

A reação machista tenta recuperar o terreno

Um dos perigos encontrados é a aparente intemporalidade dos problemas levantados. Em 1980 como em 1880, é preciso sempre recordar a submissão ao pai ou ao marido, falar de enclausuramento, de abortos, de trabalho limitado e de violação — apesar da mudança quase total da condição jurídica da mulher depois de um século.

Tanto quanto os poderes estabelecidos, homens pouco desejosos de renunciar a seus privilégios ou ins-

tuições rígidas em seu funcionamento, inquietos com essas desordens, reagem. É nesse quadro que se inscreve um fenômeno que não foi levado na devida conta na França até o ano de 1979: a retomada vigorosa de um antifeminismo.

Percebeu-se primeiro elevar-se um coro de reclamações ligeiramente repugnantes: mais um livro de mulher, não se lê mais do que isso. Como se nos espantássemos de receber "mais um livro de homem". Simultaneamente uma inquietação surpreendente começou a se exprimir: as mulheres querem tomar o poder, suas exigências visam nos derrubar para instalar uma ordem feminina... Sabemos como é útil, nos tempos que correm, soar falsos alarmas.

Entfim se apelou ao moralismo. Foi a propósito do processo por violação, depois por ocasião da interdição do semanário *Détective*. As feministas tiveram que responder então a uma série de críticas, veiculadas em particular pela imprensa: "você quer interdicar, você está pronta a apelar à repressão estatal, voltamos ao tempo das ligas femininas americanas pela ordem moral ou contra o alcoolismo".

Todo o interesse desse contra-ataque antimoralista é que, contrariamente aos precedentes, ele se apóia sobre uma realidade: o feminismo através da quase totalidade de suas expressões escritas é também uma exigência moral. Mas, como mostra Genevieve Fraisse numa obra coletiva

intitulada *L'Histoire sans qualités* (A história sem qualidades), é preciso que nos interroguemos sobre esta necessidade moral que acompanha todos os levantes de mulheres na história. Necessidade particularmente surpreendente num período em que, ao menos, o moralismo não está na moda.

Quando as feministas, desde o século XIX, adotaram um discurso moral, tratava-se da defesa do direito contra o fato, em nome de valores aparentemente abstratos (e fora da história), exatamente contra a exclusão da história que as mulheres sofriam.

Também, num movimento pendular, a tomada de consciência feminista que impulsiona a uma volta para si, a uma reflexão concentrada sobre os problemas específicos das mulheres, à elaboração de teorias estruturadas exclusivamente em torno da análise da opressão patriarcal, com a rejeição do marxismo, à resolução de se bater primeiro por si, reconduz à política e aos problemas colocados para todos os oprimidos. O risco é então perder-se novamente.

Porque não é suficiente para as mulheres juntar-se aos combates de classe, às batalhas políticas para aí ganhar qualquer coisa para si mesmas. Experiência mil vezes repetida, da Revolução Francesa ao Irã de 1979, da Argélia à Nicarágua. Então, como se pode pensar uma outra política que integre seus pontos de vista, suas necessidades? Como evitar os perigos

do neo-institucionalismo e os riscos opostos da queda no irracional?

Todas as correntes do movimento feminista tentaram, de 1977 a 1978, uma abertura para a política. Várias obras traduzem essa vontade individual e coletiva de exprimir "num mundo conduzido por homens, seu ponto de vista de mulheres", como escreveu Simone de Beauvoir no prefácio de *Sexisme ordinaire* (Sexismo ordinário), obra coletiva, aliás o produto mais notável das tentativas de inventar um pensamento político feminista e subversivo.

A busca de uma política feminista e subversiva

Porém, o comentário, mesmo subversivo e pleno de humor, não é suficiente. A necessidade de um trabalho mais profundo se faz sentir. Muitas mulheres voltam-se a uma rejeição violenta de toda a teoria como masculina ou dominada pela identificação aos esquemas masculinos.

A tenda entre a atividade teórica das intelectuais e a desmobilização da grande maioria das mulheres arrisca produzir os mesmos efeitos verificados em outros movimentos sociais, como o dos negros americanos: uma impotência que conduzirá algumas a curvar-se no gueto da "feminilidade", e as outras à recuperação pelos poderes dominantes.

Bancária não é bico

O I Encontro da Mulher Bancária promovido pelo Sindicato dos Bancários de Porto Alegre.

Por Beta e Dinah

Durante a intervenção no Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, na última greve, um grupo de mulheres resolveu começar a discutir os problemas que atingem especificamente as bancárias no interior da luta geral da categoria.

Mesmo em momentos difíceis, como durante a invasão do Sindicato, onde tiveram que buscar inclusive outros lugares para suas reuniões, as mulheres bancárias continuaram suas discussões. Agora, o I Encontro da Mulher Bancária, realizado no último dia 24 de julho na sede do Sindicato é um dos primeiros resultados concretos deste trabalho.

Reivindicações específicas

"O Sindicato está dando todo apoio ao grupo e às reivindicações específicas das mulheres durante a campanha salarial, como o comissionamento especial (postos de chefia mais gratificados) também para mulheres e estabilidade de 4 meses para as gestantes" diz Miriam Aguiar, do Banrisul.

Para a realização do Encontro, foram propostos diversos assuntos, levando em consideração principalmente uma sondagem feita junto às próprias trabalhadoras em estabelecimentos bancários, na qual elas colocavam a dificuldade de ascender a postos de chefia, comissionados, que são, na sua maioria quase absoluta, entregues aos homens, ainda que existam nos bancos mulheres com mais condição de assumir a função. Elas só conseguem estes postos quando são "apadrinhadas". Esse questionário mostrou também que a maioria das mulheres que trabalha em bancos é solteira, o que indica, no entender das participantes do Encontro, que as mulheres casadas são impedidas de trabalhar em alguns estabelecimentos bancários, além do fato de muitas vezes os próprios maridos as impedem.

As questões gerais da mulher foram abordadas inicialmente pela convidada Suzana Saldanha, atriz e feminista, que contou, através de uma pequena dramatização, sua experiência e seu encontro com o feminismo. Além disso falou sobre a relação entre feminismo e a luta pela transformação da sociedade capitalista, e sobre a opressão da mulher, seja no plano sexual como no trabalho, na família, na religião, etc.

Também foi passado um filme sobre a discriminação da mulher no trabalho, realizado durante o I Congresso da Mulher Metalúrgica de São Bernardo e Diadema em 1978.

Durante os debates foram discutidas diversas questões como: a pouca participação política da bancária nas lutas sindicais, a importância de levar propostas específicas, a dificuldade de que estas reivindicações sejam assumidas juntamente com os homens, etc.

"Nós somos vistas como diferentes porque fazemos parte do Sindicato e, mais ainda, por formarmos um grupo só de mulheres". Os homens são sem-vergonhas mesmo, porque vêm gozar da nossa cara quando falamos em uma assembleia, e até são capazes de nos chamar de lésbicas porque nos reunimos só entre mulheres". Estas foram algumas das queixas das bancárias, que demonstram a dificuldade que encontram mesmo no interior do Sindicato, para sua participação política.

Dificuldades com o "chefe"

"A gente percebe que as mulheres encaram o trabalho como um "bico" para comprar suas coisinhas, ou pra auxiliar o salário do marido que não dá. É por isso que a gente não ascende dentro do banco". Além disso "o chefe me chamou para me elogiar, mas fez questão de me chamar à parte, num cantinho. Por que não falou na frente de todo o mundo? Se fosse para um homem, tenho a certeza de que falaria em público". Estas constatações foram feitas ao mesmo tempo em que as mulheres levantavam a necessidade de "fazer alguma coisa além de ficar em cima da cama vendo nos chamarem de "potranca" na televisão".

No final, Ana Santa Cruz do Banco Maisonnave leu a proposta que havia sido votada na Assembleia Geral dos Bancários do dia anterior, na qual exigiam comissionamento especial de 20% para mulheres, o que foi discutido e aprovado pelas presentes. Levantou ainda a necessidade de que esse encontro fosse um primeiro momento no sentido de ampliar o grupo e fortalecer o movimento das mulheres bancárias.

Embora a participação ainda seja pequena, há muito trabalho para fazer na perspectiva da união das mulheres bancárias e sua maior participação.

O Perigo da Distribuição Indiscriminada de Pílulas

MARIA DA CONCEIÇÃO QUINTEIRO

O movimento de Planificação Familiar, criado na década de 50 pelos países capitalistas mais desenvolvidos, tem por finalidade desencadear nos países do "3º Mundo" programas oficiais ou privados de contenção do crescimento demográfico. Embora envolvidos por um discurso aparentemente humanitário, cuja consequência seria a de proporcionar um maior desenvolvimento sócio-econômico, estes programas visam à redução da população não no seu sentido abstrato, mas o controle da natalidade das camadas populacionais de baixa renda. O que significa, a nosso ver, uma visão ideológica de corte explicitamente classista, uma vez que a população a ser atingida por esses programas é aquela que fatalmente, dado o baixo grau de absorção produtiva do sistema, virão a se constituir em contingentes que ultrapassarão até o excedente socialmente necessário à reprodução do capital, conhecido também por exército industrial de reserva.

O objetivo dos planejadores, deste ponto de vista, nada mais é do que eliminar o excedente que transborda a capacidade de absorção do sistema capitalista periférico e, em última instância, evitar explosões sociais que inviabilizem a acumulação "harmônica" do capitalismo.

De acordo com os partidários do planejamento familiar, torna-se difícil, entre outras adequações, conciliar uma justa distribuição da renda, geração de pleno emprego, infraestrutura de serviço público e, inclusive, a própria paz mundial com o crescimento demográfico sem controle.

No Brasil essa discussão vem se arrastando durante décadas. Por muitos anos defendeu-se que o planejamento familiar não seria objeto da política populacional do governo, uma vez que o prioritário desta ação estaria na ocupação do vasto território nacional. Com o passar dos anos, e sobretudo

Em tese ninguém se opõe a um programa de planejamento familiar. Resta saber se será uma mera distribuição de anticoncepcionais ou um planejamento discutido por todos os interessados

após o advento do regime militar, os defensores dessa posição vêm perdendo terreno para dar lugar às concepções neomalthusianas correntes. O marco dessa virada localiza-se na Conferência Mundial de População, realizada em Bucareste, em 1974, onde os representantes oficiais do governo brasileiro subscreveram a resolução que dizia caber ao Estado o papel de fornecer as informações e os meios necessários para o planejamento familiar, sem contudo impingir às famílias o número de filhos e o espaçamento entre eles. Como se pode notar, foi um início bastante tímido, muito embora já atuasse no território nacional, e com plena aquiescência do Estado, a Bemfam-Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar, desde 1966.

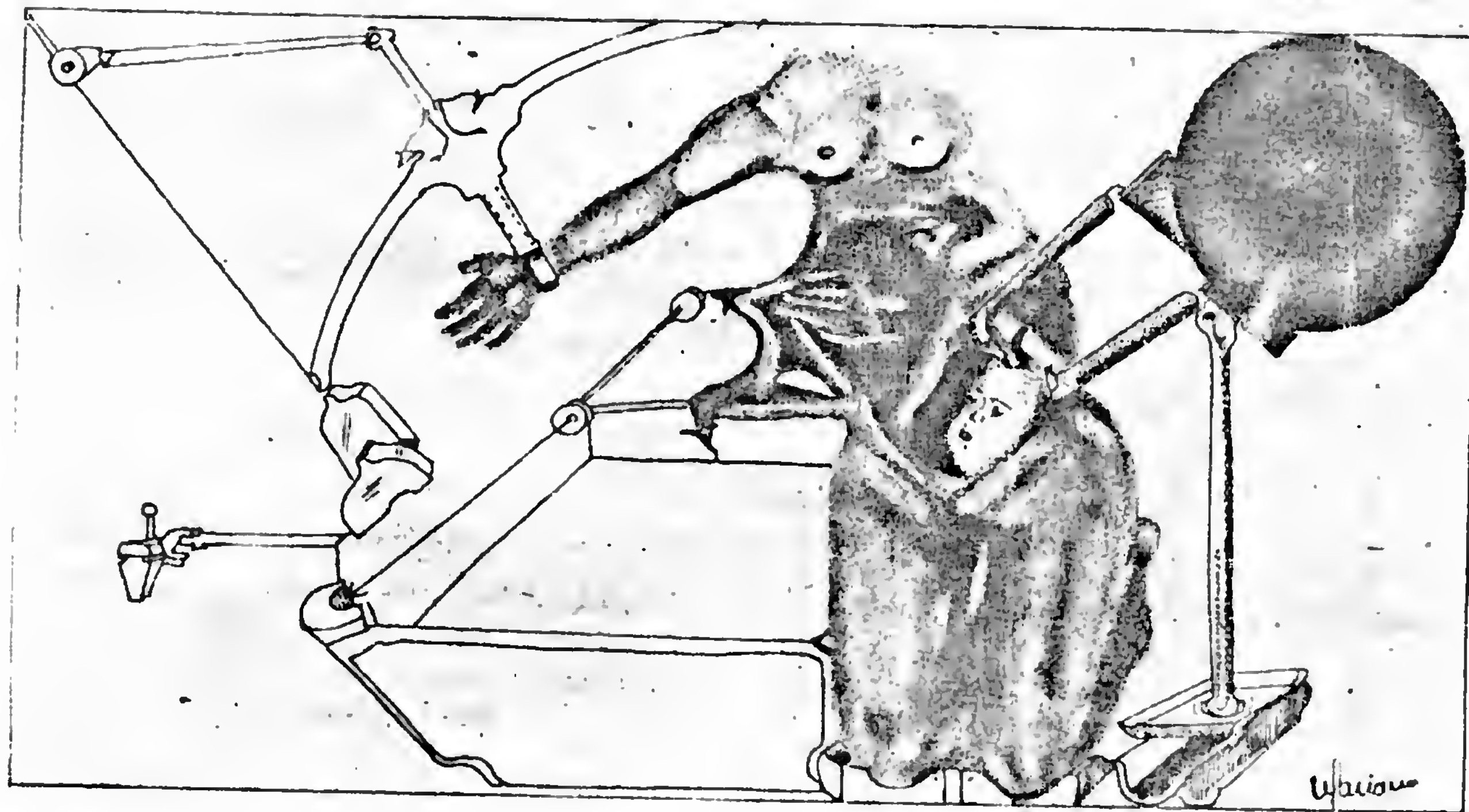
Ainda dentro do espírito de Bucareste, elabora-se em 1977 um plano denominado Gravidez de Alto Risco, cuja execução competia aos ministérios ligados à área da Saúde, de onde se extrai a seguinte declaração: "o fato de já existirem em alguns Estados programas de planejamento familiar, executados pela Bemfam, é um forte indicio da necessidade da reformulação da posição oficial do Governo" (ministro Nascimento e Silva da Previdência Social). Apesar dessa declaração, a abrangência do plano foi limitada às mulheres frequentadoras do Programa de Proteção Materno-Infantil cuja gestação apresentasse riscos de saúde. Inicialmente definiu-se um período de 4 anos para esse programa (78/81), e o método utilizado para o controle seria basicamen-

te a pílula anticoncepcional e eventualmente outros métodos. Contudo, apesar de ter sido aprovado pelo Conselho de Desenvolvimento Social, o plano, por razões que ainda desconhecemos, ficou no meio do caminho.

Em 1980, após 3 anos de silêncio, invade os jornais a notícia de que o planejamento familiar seria adotado como política oficial. Desta vez, fala-se que as instituições e os profissionais ligados aos ministérios da Previdência e Saúde, serão treinados para difundir as informações e executar o planejamento familiar. Enfim, toda a estrutura de Saúde estatal estaria comprometida com o programa que se quer instalar, indicando que a abrangência terá uma amplitude bem maior, atingindo todas as mulheres em idade fértil. De acordo com os ministérios da Saúde e Previdência Social, o plano será implantado gradualmente a partir das periferias dos grandes centros urbanos e inclui a distribuição de pílulas e de outros métodos artificiais de anticoncepção, mesmo antes que o Governo aprove qualquer programa que venha a se intitular Controle da Natalidade, Paternidade Responsável ou Planejamento Familiar.

Por outro lado, as declarações oficiais são escorregadias e afastam a possibilidade de imposição do planejamento familiar de cima para baixo: "estamos estudando todos os métodos que existem nos mais diversos países, analisando os seus prós e contras, buscando a partir do apurado conhecimento da fisiologia da reprodução humana e dos riscos de gravidez, o privilegiamento dos métodos naturais, complementados por outros dados que sejam indicados por médicos e com a plena aquiescência do casal. Em termos de massa, será enfatizada apenas a parte educacional sobre métodos naturais de limitação do número de filhos. Todos os outros métodos serão aplicados exclusivamente por indicação médica a partir do exame individual dos casos e com a concordância do casal" (ministro Arcoverde, entrevista à *Folha de S. Paulo* em 31/05/80).

Maria Quinteiro, a Quim, é socióloga e atualmente está pesquisando a atuação da Bemfam no Brasil.



A contradição entre o discurso e a prática que se pretende levar, decorre das pressões que a sociedade vem exercendo sobre os poderes públicos. Tanto a Igreja Católica, por razões doutrinárias, como os setores oposicionistas em geral, por outras razões, vêm se opondo à implantação autoritária do planejamento familiar, uma vez que as mulheres que serão atingidas por tais medidas não tiveram nenhuma interferência no assunto.

Em tese, ninguém se opõe a um programa de planejamento familiar. Resta saber se será uma distribuição indiscriminada de anticoncepcionais, como tudo parece indicar, ou a adoção de um planejamento exaustivamente discutido por todos os interessados.

No entanto, a adoção massiva do planejamento familiar no Brasil, tendo em vista que a maioria da população não possui sequer recursos que lhe garantam o mínimo para sua sobrevivência, e sabendo-se que os serviços de saúde colocados à disposição do grande público, são incapazes de combater as mais corriqueiras mazelas, falar de planejamento familiar é no mínimo um desvio de prioridades.

Galbraith faz humor negro com seu machismo

IREDE A. CARDOSO

Tivemos a "honra" de hospedar, no Brasil, a figura de John Kenneth Galbraith, renomado economista, badalado pelas revistas, que veio aqui, a convite da reitoria da Universidade de Brasília. Mas ninguém, é claro, perguntou, o que significa esse técnico para as mulheres. Estamos aqui para esclarecer. Se fosse por nós, viria, mas para enfrentar uma discussão bastante desagradável, já que as posições do sr. Galbraith são, para nós, mulheres, do pior humor negro.

Conta ele, em artigo publicado em revista para mulheres (que pensam) que uma aluna (coltadinha) perguntou-lhe um dia: "Professor Galbraith, há alguma coisa tão importante para uma mulher, quanto ser uma boa esposa e boa mãe?" E ele, em sua candidez, com muita condescendência, daquela nitidamente machista, pensou um pouco antes de responder: "Professora? Bibliotecária? Assistente de pesquisa?". Palavras dele que refletem claramente sua compreensão distorcida sobre a "natural inferioridade da mulher". Mas Galbraith não parou aí. Depois de longa análise, concluiu que a função da mulher é a de, em nossa sociedade, ser a maior consumidora de coisas.

E, é claro, ele elogia tal função, como sendo fundamental para a "saúde do sistema". Muito bem, nós queremos também a saúde do sistema, mas a verdadeira saúde, aquela em que existe uma justa distribuição de renda, creches, assistência médica, dentária e demais benefícios sociais, necessários à população.

É nosso consumo de idéias, sr. Galbraith, nos permite considerar, nós mulheres, que há outras coisas muito importantes a fazer, além de consumir, para manter o "status" do marido, como disse o economista:

"Certos ritos sociais — diz ele — são destinados a colocar o papel da mulher em relevo. Os jantares, as recepções são, na realidade, espécies de concursos, nos quais a mulher executa seu papel de gerente. Nestes jantares, julga-se sempre o talento da esposa a partir do estado da casa, o estilo, a qualidade da decoração, a variedade e o refinamento dos alimentos e bebidas. Comparam-se recepções com outras. Não são concedidas medalhas, não há "podium",



Segundo ele, a função da mulher, na sociedade, é consumir.

mas se reconhece a aptidão da anfitriã em preencher o papel que lhe é atribuído. É dessa forma que se encoraja, que se recompensa, o trabalho dedicado ao grande consumo."

Esse seria, para o economista renomado, o grande papel das mulheres com formação superior, na economia do País. As mulheres seriam, pois, a grande chave para o sistema econômico. Embora essas colocações sejam no mínimo apavorantes, a verdade é que grande parte das mulheres se deixa prender nas malhas da ideologia do consumo. Isto pode ser verificado em pesquisas científicas e as estratégias do mercado voltam-se cada vez mais atentamente para o comportamento da mulher. Na pesquisa que realizei, para o curso de pós-graduação da PUC de São Paulo, na área da Psicologia Social, pude observar que muitas mulheres acreditam que a forma de se tornarem mais felizes reside em consumir e adquirir "status", dessa forma.

Mas o que estamos esquecendo é que se existe esse tipo de controle, no sistema, para a mulher, ela já está despertando e percebendo que as coisas devem mudar. Especialmente porque seu sentimento de inferioridade, provocado pelas várias discriminações que sofre, seja na família, na escola, na Igreja, ou no trabalho, não vai ser resolvido com a compra de um carro ou de um pote de maquiagem, ou mesmo o sapato de último tipo. Ela sabe, porque, entre nós e no mundo inteiro, as mulheres estão saindo às ruas, para mostrar sua solidariedade pelos desaparecidos nos regimes totalitários; organizando-se e debatendo seus problemas cruciais, como salário, saúde, o cuidado das crianças, a liberdade de se tornar, de fato, um ser humano integral. E isso, provavelmente, não sustenta regime algum no qual a injustiça é trocada pela consumação de supérfluos, num mundo onde se morre de fome.

O direito de matar

MARTA SUPPLY

Não me surpreendem os assassinatos de Belo Horizonte. Marido que mata a mulher porque ela tem um amante, ou porque o abandona, ou porque usa biquíni e não mais o obedece. Não me surpreende que a mulher apanha porque desagradou o homem. E, se ela for casada a situação é menos surpreendente ainda. Afinal, a nossa sociedade dá esse direito ao homem e cobra essa postura ao marido.

Desde pequena, a mulher aprende a ser ou a fingir ser fraca, insegura e a procurar um protetor. Da tutela do pai, do irmão, passa para a do marido. Na medida em que esse jogo prevalece, o protetor adquire "direitos": de surrar a matar. A sociedade o endossa, a lei o protege. O que há de novo e alvissareiro nessa história de Belo Horizonte é a indignação, o questionamento e a exigência das mulheres em outro comportamento por parte dos homens e de mudança nas leis que regem nossa sociedade. É tirar o caso do nível do "crime passionai", do macho ofendido, tirar da folha policial e colocá-lo no nível político. As mulheres feministas de Belo Horizonte percebem que na medida em que a liberação feminina se torna cada dia mais uma realidade, esses crimes contra a mulher tendem a aumentar e somente a união das mulheres e um amplo trabalho de conscientização da sociedade tornará possível reverter esse processo.

Enfrentamos uma época de transição de valores na nossa sociedade. O que não era aceito há 20 anos, como o desquite, hoje é fato em quase todas as famílias. O que era aceito há 10 anos, como o chefe da casa ter a última palavra, hoje é questionado em muitos lares. E é essa disposição da mulher em mudar as regras do jogo, abdicar de um protetor, insistir

em descobrir sua identidade diferente da do marido, exigir os mesmos direitos do homem e não permitir ser tratada como objeto, ou propriedade particular de alguém, que mexe com a autoestima e insegurança do machão, que se sente ameaçado e ataca. Esta posição feminina também agride as forças reacionárias da sociedade que sente balançar as suas estruturas mais autoritárias. Nada de mais

subversivo do que o movimento feminista. Esse realmente quer mudar as regras do jogo.

Atrás dessa matança de mulher existe toda uma sociedade responsável por criar indivíduos que se dão esse direito e leis que respaldam a defesa da honra masculina no sangue da ofensora.

Marta Supply é psicóloga clínica.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *EST. SP*Data: *27/08/80*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Conjunto habitacional deverá ter creche para obter financiamento

③ *EST. SP* 27/8/80
Da sucursal de
BRASILIA

A Legião Brasileira de Assistência e o Banco Nacional de Habitação estão acertando os últimos detalhes para a aprovação de convênio condicionando a liberação de financiamentos para construção de conjuntos habitacionais somente aos projetos que incluam, também, uma creche. Ainda pelo acordo, o BNH se responsabiliza pelo financiamento e equipamento da creche, e a LBA por sua manutenção.

A informação foi dada pelo diretor-substituto do Departamento de Serviços Sociais da LBA, Ulisses Gonçalves Filho, durante o VI Encontro Nacional dos Dirigentes da LBA e II Encontro do Programa Nacional do Voluntariado que estão sendo realizados em Brasília desde a última segunda-feira.

Gonçalves Filho afirmou ser esta uma das alternativas para reduzir o déficit atual de creches necessárias para abrigar 20 milhões de crianças, menores de seis anos, que ficam praticamente abandonadas

quando os pais saem para trabalhar.

Como a LBA tem condições para atender apenas a 230 mil menores em todo o País, número que chegará a um milhão no ano que vem, caso sejam liberados Cr\$ 6 bilhões ao Projeto Casulo — dos Cr\$ 16,4 bilhões previstos no orçamento da entidade para 1981 —, Ulisses Gonçalves espera que o Ministério do Trabalho transfira à LBA a responsabilidade de negociar com as empresas a utilização das suas creches para atendimento dos filhos de seus empregados.

Embora a CLT obrigue as empresas a manterem um leito em creche para cada grupo de 10 mulheres empregadas, este item da Consolidação das Leis do Trabalho não é acatado pelos empresários, amparados pela leve penalidade imposta aos infratores (de apenas um valor de referência) que, mesmo assim, não é cobrado devido ao recente perdão concedido pelo presidente da República às dívidas ou multas inferiores a Cr\$ 3 mil.

Jornal: *OSPA*
Data: *22/08/80*
Pág: *2,6*

Para n.º
N.º do recorte

Movimento das creches denuncia

do Movimento
luta por Creches
indignadas
a Prefeitura.
é pra menos.
res de Santo
ro e Campo Limpo
nciaram uma
de favoritismos
cos, na
rição de
didatos às
as para os
cionários das 7
ches que vão
construídas.
fluência aí é
to grande,
olvendo um
utado, os
netes do
ento e as
BES, tudo muito
ntetado.
mais: há
rios de material
na 6.



O São Paulo 22 a 28/8/80 la fax.

Deputados envolvidos em

favoritismo

☆ **Creche virou cabide de emprego.**

☆ **Prova de indicação política: candidatos a vagas procuraram a Assembléia.**

☆ **COBES e outros órgãos da Prefeitura servem de ponte com deputados.**

☆ **Mães ficaram indignadas com essa atitude.**

Deputados do PDS estariam favorecendo alguns candidatos à vaga de funcionários nas creches que estão sendo construídas pela Prefeitura, nas regiões de Santo Amaro e Campo Limpo. Nessas construções, também os materiais de construção estariam sendo substituídos por artigos de qualidade inferior. Essas duas denúncias foram feitas por integrantes do Movimento de Luta por Creches, na última segunda-feira, 18/8, em entrevista coletiva à Imprensa.

Cabe lembrar que a admissão de funcionários que residissem no próprio local onde a creche fosse construída, é uma das reivindicações antigas do Movimento por Creches. No início do ano, a Coordenadoria do Bem Estar Social parecia ter concordado com esta reivindicação, inclusive orientando as assistentes sociais das SURS, nas regionais, para que dessem toda instrução necessária para absorção de funcionários que tivessem ligação com a luta por creches. Um dos critérios adotados para a construção de creches nos bairros foi mesmo para aqueles em que já houvesse um grupo organizado, pleiteando. No Jardim Miriam, por exemplo, em matéria do *O São Paulo* n.º 1.264, depois de 8 anos de luta, as mães diziam ter conseguido da Prefeitura a construção de uma creche. Os testes para absorção de funcionários eram severos, mas naquela altura do movimento, não se tinha notícia de "favoritismos políticos".

ACORDO

Em Santo Amaro, as coisas ocorreram de modo diverso. Em junho deste ano, as assistentes da SURS de Santo Amaro, visitaram as comunidades em que iam ser implantadas as creches da Prefeitura. Estão previstas 7 creches, uma em cada um destes locais: Jardins Mália, Primavera, Mirma, Suzana, Leblon, Ernestina e Parque Cocaia. (Em Campo Limpo: Jardins Ingá e Catanduva (semi-prontas), Parque Ipê, J. Nova Sto. Amaro, J. Guarujá, Vila Praia e Figueira Grande).

As assistentes sociais da SURS procuraram grupos que desenvolviam trabalhos comunitários em igrejas e sociedades amigos de bairro. Com representantes desses grupos, iniciaram discussões sobre as creches e o seu processo de implantação. Ficou decidido que as inscrições para o preenchimento das vagas seriam feitas nos próprios bairros das creches, e algumas pessoas das comunidades ficaram responsáveis por elas, encarregando-se também da divulgação nos bairros. A SURS divulgou a relação de postos de inscrição e ficou de encaminhar interessados que a procurassem.

SURS e movimentos combinaram que as inscrições durariam 15 dias e se encerrariam em 13/8. As assistentes passaram nos postos e recolheram as fichas no dia 14. De toda a região, se inscreveram cerca de 2 mil pessoas.

"INDICAÇÕES"

No próprio dia 14, algumas pessoas das comunidades ficaram sabendo que candidatos às vagas teriam procurado diretamente a Assembléia Legislativa para obter carta de apresentação. Imediatamente, procuraram a pessoa que havia feito isso, que informou que o deputado Arthur Alves Pinto, do PDS, estaria dando cartas de apresentação endereçadas ao secretário municipal de Negócios Extraordinários, Tufi Jubran. Dali, eram encaminhados à COBES, que enviava à SURS de Santo Amaro.

Uma dessas cartas datada de 13 de agosto e assinada pelo próprio Jubran, é dirigida a Terezinha Framm, supervisora do COBES: "Cara Terezinha, Peço o obséquio de sua atenção para a sra. Eva Aparecida Ferreira, apresentada do dep. Artur Alves Pinto, que gostaria de uma colocação como faxineira na creche do Jardim Primavera. Agradeço antecipadamente".

Outro integrante do Movimento por Creches, conseguiu obter a cópia de um ofício, da COBES, Supervisão Geral de Assuntos Administrativos



(SAB), à SURS, assinado pela responsável Maria App. S. Bruzadin, solicitando o encaminhamento de Laucir Ramão Militello, a uma vaga de pajem na mesma creche. Uma observação no canto do documento dizia: "candidata do deputado Artur Alves Pinto". Informações davam conta que seriam reabertas as inscrições para vagas, no dia 15 de agosto.

REABERTURA

Até as seis da tarde do dia anterior, ninguém das comunidades havia sido notificado oficialmente acerca da reabertura de inscrições. No dia 15, assistentes sociais e estagiárias estiveram nos postos de inscrição até 16h00, recebendo inscrições! Trouxeram fichas apropriadas, folhetos explicativos sobre provas, além de um cartaz sobre a continuidade das inscrições, determinada pelo Gabinete da COBES.

A grande maioria que fez inscrições neste dia, eram pessoas encaminhadas por Arthur Alves Pinto, com carta de apresentação, e indicação através de Sociedades Amigos de Bairros.

As mães do Movimento por Creches ficaram indignadas com todo esse processo, principalmente pela reabertura de inscrições apenas para os "apadrinhados" políticos. Outro grave problema denunciado por elas principalmente por aquelas da região de Campo Limpo, que já tem algumas creches prontas. Como elas constituíram comissões fiscalizadoras da construção, observaram que o material de construção

empregado nas creches não era o determinado no projeto original.

Alguns exemplos: o piso viria para salas de atividades, berçários, farmácia, administração e refeitório, substituído por cimento queimado, cerâmicas vermelhas e azulejos brancos até o teto das salas de troca, banheiro, lavanderia, dispensa e cozinha, tanto foram trocados por cimento bruto, impermeabilizante e pintura a óleo, bloco à vista, ou somente massa de cimento nas paredes; esquadrias de madeira não foram pintadas a óleo; telhas empregadas no pátio central de cimento amianto e foram mal colocadas, sendo deslocadas com os ventos; em algumas, a área de circulação das crianças não é coberta; as salas das creches são pequenas, no máximo 4 metros quadrados e em outras, não foi construído muro sequer, a não ser por interposição das mães, em função das ruínas vizinhas em torno do local, a exemplo da creche do Jardim Ingá.

As mães lembraram suas reclamações apresentadas em 16/7 e não foram feitas, ao que parece, esquecidas pelo poder público, em que expunham a situação das construções e reivindicavam creches diretas: funcionários de bairros escolhidos pelas Comissões de Creche; normas de funcionamento elaboradas pelas mães, funcionários de Creches; bom atendimento médico vinculado às creches; mais projetos, com adição de salas, aumento de salas e previsão de recreio de lazer; e construção de novas creches, além das 16 que estavam previstas. (Jô Azevedo)

Ana Martins do Movimento Contra a Carestia rebate críticas e se defende:

O Movimento Contra a Carestia tem uma história da qual pode se orgulhar. Foi ele o estuário dos pequenos e às vezes súbitos protestos das pessoas pobres das favelas e periferias que já em 1973 clamavam contra o fato de andarem abarrotadas e penduradas nos ônibus, de verem seus filhos morrerem por falta de assistência médica, por não terem acesso a conquistas mezinhas da sociedade moderna tais como: abastecimento d'água, luz elétrica, asfalto, saneamento básico. Em seu apogeu, o MCC conseguiu recolher um milhão e 500 mil assinaturas e colocar 25 mil pessoas na praça da Sé para gritar contra as panelas vazias.

No próximo dia 27, o MCC vai procurar repetir seus melhores dias e promete manifestação em vários Estados; enfim, um verdadeiro Dia Nacional de Protesto Contra a Carestia. Embora o entusiasmo seja o mesmo de antes, o fato é que nos últimos dois anos o Movimento Contra a Carestia, ao menos aos olhos públicos, não se apresentou com a mesma força de antigamente. De outro lado, sindicalistas autênticos não aderiram ainda à proposta, setores de Igreja já não vêem o MCC com o mesmo entusiasmo de antigamente e externamente o MCC vê-se sob a suspeita de certo setores da oposição de ser um movimento estreito politicamente.

Para responder a estas questões, Movimento entrevistou Ana Maria Martins, membro da coordenação de São Paulo do MCC, ela própria uma dona-de-casa da periferia. Atarefada em fazer observações no documento que o MCC tentará entregar, no dia 27, ao Palácio do Planalto, dona Ana reclama qualquer hipótese de que esteja havendo erros na condução deste movimento e, peremptoriamente, não aceita a tese de que o MCC passe por um esvaziamento. Para ela, os tempos já não são os mesmos de 1978 e se hoje o MCC não aparece com a mesma importância é porque o movimento popular se diversificou e surgiram outras frentes também importantes. (Entrevista a Tiberio Canuto).



"A luta só vai avançar quando os operários se colocarem à sua frente".

"Nosso movimento é amplo"

Movimento — Não resta dúvida de que o Movimento Contra a Carestia teve até recentemente um importante papel não só por conseguir atrair para sua proposta amplos setores populares e de oposição, como também por realizar atos importantes. Acontece que nos dois últimos anos o MCC não tem se apresentado com a mesma força e me parece que passa por um certo esvaziamento. A que se deve isto, a dificuldades objetivas e passageiras ou a erros na condução do movimento imprimida pela sua direção?

Ana Maria — Uma coisa é analisar o Movimento Contra a Carestia em 1978 e outra coisa é fazer a mesma análise em 1980, pois os momentos políticos e o papel neles reservado ao MCC são distintos e isto só é possível observar se for levada em consideração a sua própria história. Até 1978 o MCC desempenhou o papel de abrir espaço para outros movimentos e várias lutas. Para mim isto representa uma fase. Ele surgiu como resultado dos trabalhos que estavam se organizando em bairros desde 1975 e que provocaram fatos como a assembleia de duas mil pessoas na zona Sul, uma manifestação idêntica na zona Leste de São Paulo em 1976. O Movimento Contra a Carestia veio representar um alto de qualidade pois os trabalhos de base dos bairros deixavam deregar apenas as questões específicas para abordar também a questão dos salários, do custo de vida. Toda essa politização vai redundar na manifestação da praça da Sé e isto encorajou os operários. É por isto que eu digo: foi o Movimento Contra a Carestia que abriu espaços, até 1978, para outros movimentos populares e para os movimentos grevistas.

Depois de 1978, a situação se modificou e houve uma diversificação grande do próprio movimento popular, com o surgimento de greves dos trabalhadores, de professores, luta por reche etc. Ora hoje a própria classe trabalhadora faz greve por salários, que é uma forma inclusive de se lutar contra a carestia e isto é muito importante pois é ela que se coloca no centro do movimento popular.

Movimento — Mas veja Ana, você conta que o movimento popular lançou de 1978 para cá, que os operários surgiram em cena, diversificaram-se as lutas, o povo está com mais coragem. Se tudo isto é ver-

dadeiro, não é uma contradição o Movimento Contra a Carestia passar por um descenso exatamente no momento em que o povo avança, para usar suas palavras?

Ana Maria — Só quem fala que o MCC está em descenso é quem não está ligado ao povo. Esse negócio de um movimento ter momentos melhores e momentos piores acontece com todo mundo. Se você quiser analisar as lutas dos estudantes você vai ver que ora eles estão fortes e vão para as ruas, ora têm menos forças e não vão. Isto também acontece com professores e metalúrgicos, isso é normal.

Depois, não se pode falar do MCC só nos seus grandes momentos. Se não fosse a nossa luta o Governo não fazia o "Valejão", os caminhões da Cobal não iam vender mercadorias nos bairros e não se tinha um bocadinho de conquistas pequenas nos bairros. É isto que você tem que analisar.

Movimento — Você coloca como fundamental para o Movimento Contra a Carestia que a classe operária assuma radicalmente esta luta. Acontece que os sindicalistas, mesmo os autênticos como Lula, Jacó Bittar e outros, não se incorporaram ao MCC. Não seria isto um reflexo de limitações deste movimento, ou deve-se atribuir tal fenômeno a puros equívocos dos sindicalistas?

Ana Maria — Os sindicalistas apóiam o movimento, o que não fazem é assumi-lo integralmente e para mim isto acontece porque eles ainda estão acertando os passos. Veja, o Partido dos Trabalhadores coloca

como uma de suas bandeiras a luta contra a carestia, independente da sua relação com o MCC. Eu não conheço qual o sindicato ou partido, mesmo o PMDB, que faça uma programação concreta e trave concretamente a luta contra a carestia. Quem faz isto, por mais que se fale mal, somos nós. E veja: os sindicalistas não assumem mas vão ser pressionados para isto, pois em contato com operários eu sinto que eles exigem que os sindicatos assumam a luta contra a carestia. Eles sabem que não adianta nada aumentar os salários se não forem congelados os preços dos gêneros alimentícios.

Movimento — Uma das razões para que, em passado recente, o Movimento Contra a Carestia obtivesse sucessos importantes foi, sem sombra de dúvidas, o apoio decisivo da Igreja e a adesão de importantes setores cléricais à proposta, dando ao MCC uma base razoavelmente forte e ampla. Ultimamente tem se sentido que a Igreja já não joga toda a sua força no MCC como antigamente. Não seria esta uma clara indicação de que erros estão sendo cometidos pois o apoio da Igreja continua sendo fundamental?

Ana Maria — Em 1978 a Igreja apoiou concretamente a luta contra a carestia, e até mesmo os bispos deram o seu apoio e quando conversamos agora, eles dizem que continuam nos apoiando. Mas se a gente for ver, a Igreja voltou-se, nos últimos anos, para outras questões e joga mais peso aí, como a questão dos direitos humanos e atua no momento em faixa própria e não especificamente no MCC. Já em 1978, quando con-

sultamos os bispos, eles disseram que nos apoiavam, mas faziam alguns questionamentos às bandeiras que apresentamos, mais especificamente à questão do congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Eles achavam que o assunto tinha de ser melhor discutido e deveriam ser feitas consultas aos economistas. Quanto aos setores de base da Igreja, eles continuam dizendo que nos apóiam. Pode ser que haja insatisfações, mas elas não foram manifestadas por estes setores.

Movimento — Fazendo uma pergunta espinhosa: explicitamente, é levantado por setores que não participam do MCC, e até mesmo por setores que dele participam, que esse movimento vem se tornando estreito politicamente, tanto nas suas ações como nas suas bandeiras. Agora mesmo, a proposta de documento do MCC de Belo Horizonte vincula as bandeiras tradicionais do MCC à questão da Constituinte e da conquista de um "governo democrático e de unidade com os amplos setores do povo". Ora, nós sabemos que tais propostas não são assumidas pelo conjunto que pode ser a base social do Movimento Contra a Carestia e que correntes importantes da oposição se opõem a ela. Com isto concretamente, o MCC não está se estreitando ao criar obstáculos para a adesão destes setores?

Ana Maria — Se alguém levanta a questão da estreiteza do MCC, isto é falso, pois até agora ele não alterou o seu programa, que continua sendo baseado nas quatro bandeiras: aumentos salariais acima do custo de vida; congelamento dos gêneros de primeira necessidade; abono salarial para todas as categorias e reforma agrária. Agora tem que se perceber que o povo hoje levanta questões políticas, pois ele identifica no governo a causa de seus males e isto se constitui num desafio para o MCC, saber tratar também das questões políticas que são de interesse do povo.

Quanto ao documento que você cita, ele é tão somente uma proposta para ser discutida nas bases e para nós está claro que o MCC não vai se definir no dia 27 pela Constituinte ou por qualquer tipo de governo. Temos clareza de que o Movimento é essencialmente reivindicatório e baseado nas questões econômicas. Ou seja, ele continua sendo amplo.



"O Movimento Contra a Carestia ganhou as ruas e encorajou o povo pobre".

A luta contra o “poder do saber médico”

Assembléias, reuniões, debates, pressão sobre os parlamentares. Essa foi a resposta que os profissionais da saúde de 13 categorias encontraram para impedir que um projeto de lei, apresentado pelo deputado Salvador Julianelli (PDS/SP), seja aprovado. Contra a tentativa de subordinar todas as atividades da área da saúde à figura e ao saber do médico — principal objetivo do projeto nº 2726 — os profissionais fizeram ampla mobilização nos últimos dois meses e, em São Paulo e Rio, conseguiram organizar um comitê conjunto. O próximo passo dessa luta é a realização, no próximo dia 27, do Dia Nacional de Luta contra o Projeto Julianelli.

Se os profissionais da saúde não conseguirem impedir a aprovação do projeto Julianelli — que além de cometer injustiças com profissionais da área da saúde não resolverá os problemas da população — serão alteradas as regulamentações já existentes das seguintes categorias: psicólogos, farmacêuticos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, assistentes sociais, nutricionistas, ortópticos, dentistas, educadores sanitários, obstetizes, trabalhadores em educação física e enfermagem.

O projeto tem sido repudiado por essas categorias em função de três aspectos principais. Em primeiro lugar a sua arbitrariedade: sem consulta a nenhuma das categorias envolvidas, “setores” de uma só categoria (a dos médicos, via apoio da Associação Médica Brasileira — AMB) definem o perfil profissional e as funções de 13 outras categorias. Em segundo lugar, porque ele estabelece distorções que desqualificam a habilitação profissional regulamentada e reconhecida pelo Conselho Federal de Educação, além de violar direitos adquiridos, restringindo a prática profissional e o mercado de trabalho de quase todas essas carreiras. Por exemplo, proíbe o psicólogo de

exercer práticas psicoterápicas, inclusive psicanalíticas (“coisa que deve promover terremotos no túmulo de seu criador, Sigmund Freud”, diz uma psicóloga). E em terceiro lugar, porque cria uma hierarquização ilegal, já que submete a prática de todos esses profissionais à orientação dada pelo médico.

Esse reforço ao poder médico sobre toda a equipe da saúde pressupõe uma formação de todos os outros profissionais. Além do que nega todas as propostas e orientações tiradas nas reuniões e congressos da Organização Mundial da Saúde (OMS), que há mais de 10 anos prega uma concepção mais global de saúde (incluindo o social, as condições de vida etc.) e a atuação de equipes multidisciplinares de saúde.

INTERESSES ESCUSOS

Nas reuniões e debates promovidos pelo Comitê Antiprojeto a discussão sobre que interesses existem por trás desse projeto cai invariavelmente na figura do Dr. Pedro Kassab, presidente da Associação Médica Brasileira, que foi quem escreveu o projeto para o seu amigo Julianelli.

A AMB tem sido denunciada como uma representação política dos chamados “patrões da medicina”, da “máfia de branco”, das “empresas de medicina de grupo”. Há quem veja nesse projeto os interesses dessas empresas em ampliar seus lucros. Ligação não muito clara para todas as áreas.

Mas ao que parece, segundo observações de médicos sanitaristas, residentes e membros do Sindicato dos Médicos de São Paulo, que se manifestaram contra o projeto, é mais uma jogada do grupo do Dr. Pedro Kassab que busca retomar o prestígio junto à categoria médica, meio abalado depois da última eleição. (Na última eleição da AMB, o grupo de Kassab tinha perdido a eleição por mais de dois mil votos para a oposição; mas através de artifícios e manobras típicas de quem detém há muito tempo a “máquina” da

entidade, anulou várias urnas e acabou “ganhando” a eleição). As posições desse grupo parecem “anteriores” às da medicina de grupo. Ele defende a medicina liberal, o poder do saber médico, que do consultório é conselheiro de saúde, de educação das crianças e até de relações conjugais.

Essa posição, segundo análise feita por diretores do Sindicato dos Psicólogos de São Paulo, nega as mudanças quase irreversíveis da saúde que envolvem desde a especialização cada vez maior do conhecimento, que exige o trabalho multidisciplinar, até o profundo questionamento, endossado pela OMS, à visão de que as “doenças” têm todas uma origem interna ao indivíduo, desconsiderando os aspectos sociais. O projeto assume as afirmações não muito científicas, de que as delimitações entre o campo da saúde e o da doença são rígidos.

VITÓRIA PARCIAL

Com toda essa movimentação, cuja iniciativa principal cabe aos psicólogos, em especial aos de São Paulo, todas essas categorias conseguiram que o projeto fosse “sobrestado” (suspensão temporariamente). Em reunião com os conselhos federais das categorias envolvidas, o deputado Julianelli se comprometeu a reelaborar o projeto com base nas sugestões desses mesmos conselhos.

Mas as entidades sindicais profissionais que estão levando a luta não se consideram satisfeitas. O projeto ainda não foi derrotado, e é considerado “inamendável” pelas categorias que se sentem prejudicadas. Por isso, vão realizar o Dia Nacional de Luta contra o Projeto Julianelli no dia 27 de agosto, dia do psicólogo. Em São Paulo, esse dia será marcado com um debate público sobre o projeto com a presença de todas as categorias (inclusive médicos) no colégio Equipe. E em todo o país haverá manifestações, além de envio de telegramas individuais pedindo repúdio ao projeto junto aos parlamentares em Brasília. (Vera Paiva).